ÁRVORE

Uma Antologia Poética



Sammis Reachers (Org.)



Uma Antologia Poética

LIVRO GRATUITO
Não pode ser vendido

Organização e edição de

Sammis Reachers

São Gonçalo
2018

Índice

Apresentação

O termo grego ανθολογία (*antologia*), significa "coleção ou ramalhete de flores". Daí o latim *florilegium*. O termo florilégio ajusta-se com perfeição ao presente trabalho, onde procurou-se coligir poemas sobre a árvore, esse centro e pilar da hera.

Nossa literatura possui uma relativa boa ventura quando o tema é a árvore. Com acesso a boas bibliotecas, o leitor poderá desfrutar de obras relevantes como o livro *Apologia da Árvore* (1973), do insigne engenheiro agrônomo e pesquisador Leonam de Azeredo Penna (1903 – 1979), grande nome da Botânica brasileira. Obra relativamente rara, o livro colige poemas, frases e pequenos trechos em prosa. Mas já em 1916 o casal Júlia e Afonso Lopes Almeida publica no Rio de Janeiro o seminal *A Árvore*, seleta igualmente valiosa de poemas e textos em prosa. Outra autora nossa precursora numa *antologia da árvore* foi Maria Thereza Cavalheiro (1929 -), em seu *Antologia Brasileira da Árvore* (1960) e sua edição ampliada, *Nova Antologia Brasileira da Árvore*, de 1974, obra magnífica que beira as quatrocentas páginas. Cronista, escritora, poeta e trovadora laureada, Cavalheiro foi e continua a ser grande promotora cultural. Conheci a autora por correspondência, ainda em minha adolescência, quando acompanhava sua coluna mensal no jornal *O Radar*, de Apucarana – PR, por sinal editado por outra benfeitora de nossas Letras, Rosemary Lopes Pereira (1927 – 2015).

E foi sorvendo principalmente destas fontes, e anda de outros livros, revistas e websites, que coligimos este singelo ramalhete de poemas sobre a árvore. Adicionamos ao volume uma pequena seleção de frases sobre o tema, e, em arremate, publicamos aqui o texto integral (vertida sua grafia ao português hodierno) do poema longo *A Destruição das Florestas*, do múltiplo Manuel de Araújo Porto-Alegre (1806 – 1879). O poema, que veio à luz em 1845, é um significativo e precoce exemplo de consciência ambiental em nossa literatura.

Uma antologia temática é uma chance sempre de a poesia penetrar em espaços outros que não os estritamente circunscritos aos apreciadores de poesia. Como antologista, confesso que prefiro, por motivos óbvios, trabalhar com temas ainda não contemplados, os quais infelizmente são muitos em nossa língua. Já assim fizemos em trabalhos como *Segunda Guerra Mundial – Uma Antologia Poética*; *Breve Antologia da Poesia Cristã Universal* e *Amor, Esperança e Fé – Uma Antologia de Citações*, só para citar alguns trabalhos. Assim, qual a vantagem (ou vantagens) de debruçarmo-

nos, agora, sobre uma outra *antologia da árvore*? Acreditamos em algumas. A primeira, é de ordem da amplitude espaço-temporal: a coleta de um número significativo de textos, abarcando autores, se em sua maioria brasileiros ou lusos, também de outras literaturas do globo, e alguns deles de produção posterior às seletas precedentes; a segunda, por suprimento de lacuna, visto que os predecessores são livros esgotados já de há boas décadas; e, por fim, nossa motivação principal: a democratização do conhecimento proporcionada por um livro que já nasce eletrônico e gratuito, o que permite um acesso fácil, amplo e permanente ao seu conteúdo. Afinal, em tempos em que “Meio Ambiente” alcançou o status de tema transversal a perpassar o ensino de todas as disciplinas escolares, auxiliar educadores em seu esforço para incutir o reconhecimento e a valorização deste ser áulico e basilar da Natureza, a árvore, naqueles corações sob sua jurisdição, torna-se nosso objetivo mais urgente.

Além do elogio da árvore, presta-se aqui uma homenagem a nossos poetas de agora e de ontem, e de certa forma um serviço à literatura lusófona, pois toda antologia literária é antes de tudo isso - um serviço prestado a uma literatura e ao universo de seus usuários.

Este é um livro gratuito. Como amante das árvores e da literatura, como professor e como antologista, é um prazer ofertar este livro a todos, com votos de que ele possa ser compartilhado livremente, para que alcance os fins a que se propõe.

Sammis Reachers

ÁRVORE

Manoel de Barros

Um passarinho pediu a meu irmão para ser sua árvore.
Meu irmão aceitou de ser a árvore daquele passarinho.
No estágio de ser essa árvore, meu irmão aprendeu de
sol, de céu e de lua mais do que na escola.
No estágio de ser árvore meu irmão aprendeu para santo
mais do que os padres lhes ensinavam no internato.
Aprendeu com a natureza o perfume de Deus.
Seu olho no estágio de ser árvore aprendeu melhor o azul.
E descobriu que uma casca vazia de cigarra esquecida
no tronco das árvores só serve pra poesia.
No estágio de ser árvore meu irmão descobriu que as árvores são
vaidosas.
Que justamente aquela árvore na qual meu irmão se transformara,
envaidecia-se quando era nomeada para o entardecer dos pássaros
E tinha ciúmes da brancura que os lírios deixavam nos brejos.
Meu irmão agradecia a Deus aquela permanência em árvore
porque fez amizade com muitas borboletas.

A ÁRVORE DA SERRA

Augusto dos Anjos

" – As árvores, meu filho, não têm alma!
E esta árvore me serve de empecilho...
É preciso cortá-la, pois, meu filho,
Para que eu tenha uma velhice calma!

– Meu pai, por que sua ira não se acalma?!
Não vê que em tudo existe o mesmo brilho?!
Deus pôs alma nos cedros... no junquilho...
Esta árvore, meu pai, possui minha alma!...

– Disse – e ajoelhou-se, numa rogativa:
"Não mate a árvore, pai, para que eu viva!"
E quando a árvore, olhando a pátria serra,

Caiu aos golpes do machado bronco,
O moço triste se abraçou com o tronco
E nunca mais se levantou da terra!"

VELHAS ÁRVORES

Olavo Bilac

Olha estas velhas árvores, mais belas
Do que as árvores novas, mais amigas;
Tanto mais belas quanto mais antigas,
Vencedoras da idade e das procelas…

O homem, a fera, e o inseto à sombra delas
Vivem, livres de fomes e fadigas;
E em seus galhos abrigam-se as cantigas
E os amores das aves tagarelas.

Não choremos, amigo, a mocidade!
Envelheçamos rindo! Envelheçamos
Como as árvores fortes envelhecem;

Na glória da alegria e da bondade,
Agasalhando os pássaros nos ramos,
Dando sombra e consolo aos que padecem!

CADA ÁRVORE É UM SER PARA SER EM NÓS

António Ramos Rosa

Cada árvore é um ser para ser em nós
para ver uma árvore não basta vê-la
a árvore é uma lenta reverência
uma presença reminiscente
uma habitação perdida
e encontrada
à sombra de uma árvore
o tempo já não é o tempo
mas a magia de um instante que começa sem fim
a árvore apazigua-nos com a sua atmosfera de folhas
e de sombras interiores
nós habitamos a árvore com a nossa respiração
com a da árvore
com a árvore nós partilhamos o mundo com os deuses

ÁRVORES

Sophia de Mello Breyner Andresen

Árvores negras que falais ao meu ouvido,
Folhas que não dormis, cheias de febre,
Que adeus é este adeus que me despede
E este pedido sem fim que o vento perde
E esta voz que implora, implora sempre
Sem que ninguém lhe tenha respondido?

ESTA ÁRVORE É PERFEITA!

Nicolas Behr

pena que as folhas são verdes e caem,
sujando minha ignorância
pena que as raízes são subterrâneas
e profundas - e eu tão superficial
pena que não sobreviva sem a casca,
grossa, áspera e feia
pena que as flores não combinam com a cor
do novo carro que comprei
pena que, um dia, insatisfeito, terei de
cortá-la e não plantar outra no lugar
pena que os frutos são comestíveis demais
e atraem pássaros barulhentos
pena que não dê sombra à noite
pena que não abane o rabinho
quando chego em casa
pena que rebrota toda vez que a corto
pena que floresça justamente
quando saio de férias
pena que cresça para cima
pena que que as sementes,
quando plantadas, germinam
pena que produza oxigênio
e não gás de cozinha
pena que não seja de ferro,
plástico e papel celofane
pena que o perfume das flores
desagrade ao meu olfato

pena que seja apenas uma árvore

pena que
não seja
um ipê
roxo com
flores
amarelas

ÁRVORE

Newton Messias

Das raízes bem fincadas no chão
Sobe um tronco rígido e solitário
Que se abre ao céu azul, santuário,
Em piedosos braços, em oração.

De roupagem leve que o vento abana
E às vezes nua em pele de madeira
(Cada estação à sua própria maneira):
"Nunca envergonhada", ela se ufana.

Conhece a sanha de chuvas e ventos;
As variações de frio e calor;
A solidão de cumes e desertos.

Pássaros cantam para seu alento
Antes que morra e tombe sem vigor
Deixando as raízes a céu aberto.

FOLHAGENS

Jorge Sousa Braga

Há árvores de folhas persistentes
e outras cujas folhas são caducas.
Mas o que me faz confusão
é que andem nuas no inverno
e vistam um sobretudo de folhas
no verão.

A ÁRVORE

Ricardo Gonçalves

Salta do leito e vem cá fora,
Vem ver esta árvore, sonora
De murmurinhos e canções.
O sol nascente a afaga e beija,
E as suas frondes purpureja
Com seus vivíssimos clarões.

Anda-lhe em torno, álacre, um vivo
Zumbir de insetos; pelo crivo
Das folhas verdes fulge o sol;
E, entre cortinas viridentes,
Zinem cigarras estridentes,
Tecem aranhas o aranhol.

Depois, a pino, o sol escalda,
E a sua copa de esmeralda
É como um pálio protetor,
A cuja sombra, ampla e divina,
Cantam as aves, em surdina,
Cantos dulcíssimos de amor.

Ama-a! Toda a árvore é sagrada.
Ama esta esplêndida morada
De abelhas de oiro e aves gentis!
Busca entender tanta poesia,
E faze coro à sinfonia
Da natureza, que a bendiz!

Ama-a, na glória matutina,
Entre os vapores da neblina,
Que toda a envolvem, como véus,
Cheia dos prantos da alvorada,
Ou melancólica, estampada
No oiro e na púrpura dos céus...

E reza então: “Bendita sejas

Por tuas frondes benfazejas,
Pelos teus cânticos triunfais,
Por tuas flores e perfumes,
Pelos teus pássaros implumes,
Por tuas sombras maternais."

RAÍZES

Jorge Sousa Braga

Quem me dera ter raízes,
Que me prendessem ao chão.
Que não me deixassem dar
Um passo que fosse em vão.

Que não me deixassem crescer
Silencioso e ereto,
Como um pinheiro de riga,
Uma faia ou um abeto.

Quem me dera ter raízes
Raízes em vez de pés.
Como o lódão, o aloendro,
O ácer e o aloés.

Sentir a copa vergar,
Quando passasse um tufão.
E ficar bem agarrado,
Pelas raízes ao chão.

ÁRVORES DO ALENTEJO

Florbela Espanca

Horas mortas? Curvada aos pés do Monte
A planície é um brasido? e, torturadas,
As árvores sangrentas, revoltadas,
Gritam a Deus a bênção duma fonte!

E quando, manhã alta, o sol posponte
A oiro e giesta, a arder, pelas estradas,
Esfíngicas, recortam desgrenhadas
Os trágicos perfis no horizonte!

Árvores! Corações, almas que choram,
Almas iguais à minha, almas que imploram
Em vão remédio para tanta mágoa!

Árvores! Não choreis! Olhai e vede:
– Também ando a gritar, morta de sede,
Pedindo a Deus a minha gota de água.

ÀS ÁRVORES NOVAS

Oliveira Ribeiro Neto

– Árvores pequenas que inda não crescestes,
Que doçura imensa existe em vossas sombras
Fracas e indecisas, sobre a terra quente!

Árvores pequenas, vós lembrais crianças
Esboçando gestos de bondade ingênua
Mas vosso destino como é diferente!

Quando vós crescerdes, dareis sombra e frutos,
E dareis aos homens, no verão candente,
Sonhos de fartura e flores aromais.

Mas os pequeninos não terão mais gestos
De bondade pura, de ternura ingênua...
Quando eles crescerem, serão meus iguais.

ÁRVORE, CUJO POMO, BELO E BRANDO

Luís Vaz de Camões

Árvore, cujo pomo, belo e brando,
natureza de leite e sangue pinta,
onde a pureza, de vergonha tinta,
está virgíneas faces imitando;

nunca da ira e do vento, que arrancando
os troncos vão, o teu injúria sinta;
nem por malícia de ar te seja extinta
a cor, que está teu fruito debuxando.

Que pois me emprestas doce e idóneo abrigo
a meu contentamento, e favoreces
com teu suave cheiro minha glória,

se não te celebrar como mereces,
cantando-te, sequer farei contigo
doce, nos casos tristes, a memória.

CONTRASTE

Aristeu Bulhões

No chão do meu quintal, que rústico era,
Eu, que de sonhos enfeitava a vida,
Numa linda manhã de primavera,
Plantei ramos de uma árvore caída...

E, cheio de ilusão e de quimera,
Abandonei a terra estremecida
Como o viajante que atingir espera
A rósea meta, a que o Ideal convida...

Anos depois voltei... Na alma cansada
Nem mais um sonho, uma ilusão trazia
Porque tudo eu perdera na jornada.

Mas, cada ramo que plantei a esmo,
Era uma árvore imensa que floria
Para arrimo e conforto de mim mesmo.

ÁRVORE RUMOROSA

Ruy Belo

Árvore rumorosa pedestal da sombra
sinal de intimidade decrescente
que a primavera veste pontualmente
e os olhos do poema de repente deslumbra

Receptáculo anónimo do espanto
capaz de encher aquele que direito à morte passa
e no ar da manhã inconsequente traça
e rasto desprendido do seu canto

Não há inverno rigoroso que te impeça
de rematar esse trabalho que começa
na primeira folha que nos braços te desponta

Explodiste de vida e és serenidade
e imprimes no coração mais fundo da cidade
a marca do princípio a que tudo remonta

A ÁRVORE

Júlia e Afonso Lopes de Almeida

Fui débil caule, à flor da terra, quando
Do chão nasci, meu maternal regaço.
Atraiu-me o esplendor do vasto espaço:
Para o alcançar, me fui da terra alçando.

Cresci. Dei flor. E os galhos recurvando,
Exausta, pelo esforço, de cansaço,
Ao calor fecundante do mormaço
As flores fui em fruto transformando.

Crianças, que marinhais por mim acima!
Trepai ao alto, como o arrais nos mastros!
Vegetal como sou, que nada anima,

Pudesse eu elevar-me, eu rude, eu bronco!
Vossa cabeça chegaria aos astros,
E vossos pés à terra, por meu tronco!

À MODA MAO

Paulo Leminski

O pinheiro
cresceu
        ao lado da árvore
        de flor amarela
ele
eu   você
        ela

quem   passa
        pensa

                flores
            dele   não
                    dela

ENSINAMENTOS DA ÁRVORE

René Juan Trossero
Tradução de Mara Parlow

Aprende da árvore
E deixa que os ventos da vida
Te despojem dos ramos secos
Para deixar lugar aos brotos novos.
Aprende da árvore
E deixa cair as folhas secas do passado
Para que adubem o solo,
Onde tuas raízes preparam o futuro.
Aprende da árvore
E não faças do inverno
Um tempo de tristeza e morte,
Mas um tempo de esperança, para enraizar-te melhor
E reviver mais forte como primavera.

TODAS AS ÁRVORES APAZIGUAM O ESPÍRITO

Fiama Hasse Pais Brandão

Todas as árvores apaziguam
o espírito. Debaixo do pinheiro bravo
a sombra torna metafísica
a silhueta de tronco e copa.
Em volta da ameixoeira temporã
vespas ensinam aos meus ouvidos
louvores. As oliveiras não se movem
mas as formas da essência desenham-se
cada dia com o vento.

Na sombra os frémitos
acalentam o pensamento
até ao não pensar. Depois
até sentir a vacuidade
no halo de flores que o envolve.
Sob as oliveiras, por fim,
que não se movem contorcendo-se,
concebe o não conceber.

ERA UMA ÁRVORE

Carlos Drummond de Andrade

Era uma árvore no passeio
e fosse tempo claro ou feio,
havia uma paz de agasalho
dependurada em cada galho.

E foi vivendo. Viver gasta
músculo e flama de ginasta,
quanto mais uma arvorezinha
meio garota-de-sombrinha.

A ÁRVORE

Filemon Martins

Árvore amiga – símbolo sagrado,
– presente do bom Deus à criatura,
portadora de Paz ao que, cansado
vai procurar descanso da amargura.

Com sua sombra acolhe o desprezado
que passa pela estrada, sem ventura,
e o protege feliz, reconfortado,
para viver, lutar, sempre à procura

do seu destino – eterno caminheiro
em busca de um amor hospitaleiro,
onde a Felicidade fez guarida...

Pois desprezo a ganância do insensato
que põe abaixo as árvores e, ingrato,
– não percebe que mata a própria vida.

A ÁRVORE E O MENINO LEVADO

William Vicente Borges

Uma mangueira, nenhuma manga.
Um menino levado, nenhum juízo.
E por que não pular de galho em galho?
Afinal árvore e menino levado
Formam um par bem adequado.

Só que o menino levado não sabia
Que nem toda árvore está de brincadeira
E que nem todo galho só enverga.
E bem do alto da mangueira então,
Feliz da vida caiu o menino ao chão.

Todo arranhando saiu o menino
Com o galho ainda sob si,
Todos os amiguinhos atônitos
Não se atreveram a na árvore subir.
Mas a lição aprendida pôs todos a rir...

A mangueira ficou lá meio esquecida
Mas muitas frutas vieram a nascer
E lá foi o menino levado –
Só que desta vez não subiu nos galhos –
Com vara de bambu foi alto colher.

O menino levado cresceu e virou moço
E sempre que pode vai a árvore visitar
E na sombra dela ri do acontecido.
Menino levado e árvore combinam, sim.
O que não combina é não ser precavido.

MANIFESTO CLOROFILA

Nicolas Behr

para bené fonteles

as árvores dominam o planeta
e o papel de seus talões de
cheques é feito de peles humanas

as árvores dominam o planeta
e os móveis das suas casas
são feitos de ossos humanos

as árvores dominam o planeta
e seus carros são movidos
a gás metano, produto da
decomposição de corpos humanos

as árvores dominam o planeta
e bebem sucos especiais,
mistura de sangue e saliva,
produzidas por células humanas

as árvores dominam o planeta
e fertilizam o solo
com carne humana, moída

as árvores dominam o planeta
e olhos humanos fazem a delícia
dos cafés-da-manhã alegrando
as feiras do bairro
nas florestas populosas

as árvores dominam o planeta
e criam, em estufas, humanos
infláveis para produzir sombra

as árvores dominam o planeta

e escolhem as modelos mais
gostosas para enfeitar
suas praças

as árvores dominam o planeta
e quando têm frio
queimam grande quantidade
de carne humana, congelada,
estocada permanentemente
no pólo norte

DESPEDAÇADO

Nicolas Behr

despedaçado,
o espírito da floresta
sobrevive nas tábuas

é na escola de tábuas
que se aprende
a ler árvores

casa de madeira
mesa de madeira
cadeira de madeira
lápis de madeira
caderno de madeira
professor cara-de-pau

a árvore abre o livro
e se reconhece
nas próprias nervuras

alfabetizada, a árvore
sobrevive a si mesma

ÁRVORES

Joyce Kilmer
Trad. de Olegário Mariano

Sei que nunca verei um poema mais belo e ardente,
do que uma árvore; uma árvore que encerra
uma boca faminta, aberta eternamente
ao hálito sutil e flutuante da Terra.

Voltada para Deus todo o dia, ela esquece
os braços a pender de folhas, numa prece.
Uma árvore, que ao vir do estio morno, esconde
Um ninho de sabiás nos cabelos da fronde.

A neve põe sobre ela o seu níveo diadema
e a chuva vive na mais doce intimidade
do tronco, a se embalar nos galhos seus;
Qualquer néscio como eu sabe fazer um poema.
Mas quem pode fazer uma árvore? – Só Deus.

AS ÁRVORES CORTADAS

Guiuseppe Artidoro Ghiaroni

Deceparam as árvores da rua!
Sem troncos hirtos na calçada fria,
a rua fica inexpressiva e nua;
fica uma rua sem fisionomia.

0 sol, com sua rústica bondade,
aquece até ferir, até matar.
E a rua, a rir sem personalidade,
não dá mais sombras aos que não têm lar.

As árvores, ao vento desgrenhadas,
não lastimam a peia das raízes:
Olvidam suas dores, concentradas
no sofrimento de outros infelizes.

Eu penso, quando à frente dos casais
vem sentar-se um mendigo meio-morto,
que uma fronde se inclina um pouco mais,
para lhe dar mais sombra e mais conforto.

Sem elas, fica a triste perspectiva
de uns muros esfolados, muito antigos,
que se unem na distância inexpressiva
como se unem dois trôpegos mendigos.

Quando vier com o seu farnel de lona,
arrimar-se à sua árvore querida,
o ceguinho de gaita e de sanfona
será capaz de maldizer a vida.

E aquela magra e tremula viúva
que anda a esmolar com filhos seminus,
quando o tempo mudar, chegando a chuva,
dirá que dela se esqueceu Jesus!...

Meu Deus, seja qual for o meu destino,

mesmo que a dor meu coração destrua,
não me faças traidor, nem assassino,
nem cortador de árvores da rua!

AS ÁRVORES E OS LIVROS

Jorge Sousa Braga

As árvores como os livros têm folhas
e margens lisas ou recortadas,
e capas (isto é copas) e capítulos
de flores e letras de oiro nas lombadas.

E são histórias de reis, histórias de fadas,
as mais fantásticas aventuras,
que se podem ler nas suas páginas
no pecíolo, no limbo, nas nervuras.

As florestas são imensas bibliotecas,
e até há florestas especializadas,
com faias, bétulas e um letreiro
a dizer: «Floresta das zonas temperadas».

É evidente que não podes plantar
no teu quarto, plátanos ou azinheiras.
Para começar a construir uma biblioteca,
basta um vaso de sardinheiras.

ÁRVORES QUE DÃO PÁSSAROS

Ruy Belo

ALGUMAS PROPOSIÇÕES COM PÁSSAROS E ÁRVORES QUE
O POETA REMATA COM UMA REFERÊNCIA AO CORAÇÃO

Os pássaros nascem na ponta das árvores
As árvores que eu vejo em vez de fruto dão pássaros
Os pássaros são o fruto mais vivo das árvores
Os pássaros começam onde as árvores acabam
Os pássaros fazem cantar as árvores
Ao chegar aos pássaros as árvores engrossam movimentam-se
deixam o reino vegetal para passar a pertencer ao reino animal
Como pássaros poisam as folhas na terra
quando o outono desce veladamente sobre os campos
Gostaria de dizer que os pássaros emanam das árvores
mas deixo essa forma de dizer ao romancista
é complicada e não se dá bem com a poesia
não foi ainda isolada da filosofia
Eu amo as árvores principalmente as que dão pássaros
Quem é que lá os pendura nos ramos?
De quem é a mão a inúmera mão?
Eu passo e muda-se-me o coração

Ó ÁRVORE IRMÃ

Max Michelson
Trad. de Zulmira Ribeiro Tavares

Ó árvore irmã! Ó árvore irmã! Conte a mim, teu irmão,
O segredo de tua vida,
O prodígio de teu ser.

Minha árvore irmã, minha árvore irmã,
Meu coração abre-se para ti –
Revele-me todos os teus segredos.

Árvore querida, árvore querida,
Abati todo o meu orgulho.
Amo-te, irmã, como a mim mesmo.
Oh! Explique-me os teus prodígios.

Querida, amada,
Não irei falar sobre isso entre os tolos –
Contarei apenas aos não corruptos:
Revele-me o teu ser.

Observei as tuas folhas à luz do sol, escutei-as durante a tormenta.
Meu coração sorveu uma gotícula do teu límpido júbilo e prodígio,
Uma gota no oceano do teu prodígio.

Sou teu humilde irmão – O teu próprio.
Revele-me a tua vida,
Revele-me o teu calmo júbilo,
Revele-me a tua serena sabedoria.

A TRISTEZA DAS ÁRVORES

Maurice Rollinat
Trad. de Antônio Sales

Oh! grandes vegetais! oh! mártires do estio!
Liras das virações – os músicos dos ares –
Quer verdes estejais, quer vos despoje o frio,
O poeta vos adora e vos sente os pesares!

Quando o olhar do pintor procura o pitoresco
É em vós que sacia a sôfrega avidez,
Porque vós sois o imenso e formidável fresco
Com que a terra sem fim cobre a sua nudez.

Quando estala o trovão, e o granizo peneira,
É a floresta um mar de encapeladas águas,
E tudo – a tília enorme ou a frágil roseira –
Solta nos penetrais lamentações de mágoas.

E vós, que muita vez, silentes como os mármores,
Adormeceis tal como as almas sem receio,
Então rugis, torcendo os braços, pobres árvores,
Sob as patas brutais de elementos sem freio!

Quando a ave os olhos fecha ao verão que a quebranta
Dos vossos ramos vai dormir ao brando afago;
Eles servem de abrigo à pedra e à débil planta
E casam sua sombra à fresquidão do lago.

Só nas noites de Maio, aos clarões estrelares,
Aos aromas sutis que as caçoulas exalam,
É que esquecer podeis as dores seculares,
Dormindo um sono bom que os zéfiros embalam.

O sol vos cresta e morde; o aquilão vos vergasta;
– Vivos embora – o inverno, frígida mortalha,
Vos cinge; e como enfim tanto sofrer não basta,
A rir o lenhador vossas carnes retalha.

Na cidade, no campo ou nas ínvias devesas,
Onde quer que vivais, olmos, faias, carvalhos,
Eu fraternizo com as enormes tristezas
Que derramam pelo ar vossos sombrios galhos...

UMA ÁRVORE É UM ANJO

Manuel Gusmão

um anjo lenhoso, altamente inflamável,
de alto a baixo prometido
a um incêndio que a si mesmo se combatesse

uma árvore é um anjo na terra
um anjo que está sempre a enraizar-se
e a erguer-se a poder de braços

Uma árvore conhece pouco
das nossas maneiras de lutar
e morrer; por isso:

uma árvore é e não é um anjo

DE ONDE VÊM O VERDE DAS FOLHAS

Nicolas Behr

de onde vêm o verde das folhas,
o cinza dos troncos?
vêm da árvore
de onde vêm a flor, a semente,
o fruto, o sabor, a fome?
vêm da árvore
de onde vem a madeira, o papel,
o carvão, o lápis, a mesa?
vêm da árvore
de onde vêm as abelhas, os pássaros,
os gafanhotos, os macacos?
vêm da árvore
de onde vêm o fogo, o calor,
a energia?
vêm da árvore
de onde vêm o vento, a tempestade,
a brisa, a nuvem?
vêm da árvore
de onde vêm o inesperado,
o deslumbramento?
vêm da árvore
de onde vêm todo mistério,
o medo da noite, a lua cheia?
vêm da árvore
de onde vem a vida?
vem da árvore

de onde vem tudo?

CHAMO

Carlos de Oliveira

Chamo
a cada ramo
de árvore
uma asa.

E as árvores voam.

Mas tornam-se mais fundas
as raízes da casa,
mais densa
a terra sobre a infância.

É o outro lado
da magia.

ÁRVORE

Pedro Tamen

Cresce e vem do fundo da terra
ou do fundo do tempo.
Sobe para um céu
que afinal não conhecemos.
No intervalo há vida
– e também ela cresce:
nela se encerra
o que somos e temos;
e se desvela o véu.

POEMA DAS ÁRVORES

António Gedeão

As árvores crescem sós. E a sós florescem.

Começam por ser nada. Pouco a pouco
se levantam do chão, se alteiam palmo a palmo.

Crescendo deitam ramos, e os ramos outros ramos,
e deles nascem folhas, e as folhas multiplicam-se.

Depois, por entre as folhas, vão-se esboçando as flores,
e então crescem as flores, e as flores produzem frutos,
e os frutos dão sementes,
e as sementes preparam novas árvores.

E tudo sempre a sós, a sós consigo mesmas.
Sem verem, sem ouvirem, sem falarem.
Sós.
De dia e de noite.
Sempre sós.

Os animais são outra coisa.
Contactam-se, penetram-se, trespassam-se,
fazem amor e ódio, e vão à vida
como se nada fosse.

As árvores, não.
Solitárias, as árvores,
exauram terra e sol silenciosamente.
Não pensam, não suspiram, não se queixam.
Estendem os braços como se implorassem;
com o vento soltam ais como se suspirassem;
e gemem, mas a queixa não é sua.

Sós, sempre sós.
Nas planícies, nos montes, nas florestas,
A crescer e a florir sem consciência.

Virtude vegetal viver a sós
E entretanto dar flores.

ÁRVORE ADENTRO

Octávio Paz

Cresceu uma árvore à minha frente.
Cresceu para dentro.
Suas raízes são veias,
nervos, seus ramos,
Suas confusas folhas, pensamentos.
Teus olhares incendeiam-na,
e seus frutos sombras
são laranjas de sangue,
romãs feitas de lume.

Amanhece

na noite do corpo.
Ali dentro, à minha frente,
a árvore fala.

Acerca-te. Ouve-la já tu?

A ÁRVORE

Joubert de Araujo Silva

De um galho daquela árvore copada,
de larga sombra e tronco centenário,
foi feita um dia a grande cruz pesada
para o suplício ignóbil do Calvário!

Morto Jesus, nas sombras embuçada,
como se fosse um monstro solitário,
ela pediu a Deus, inconformada,
perdão para o seu crime involuntário!

E Deus, que é o grande Pai Onipotente,
Deus que é justo, que é bom, Deus que é clemente,
parece ter-lhe ouvido as preces mudas...

E viu-se na árvore, ao raiar do dia,
preso a uma corda, um corpo que pendia:
era o corpo sacrílego de Judas!

PLANTAÇÃO

Júlia e Afonso Lopes de Almeida

Plantar árvores é santa,
Fecunda, e nobre missão.
Pois quem uma árvore planta
Pratica uma boa ação.

Ó plantas, boas amigas
Que aos homens dais vosso amor
No pão – que está nas espigas,
No fruto – que está na flor!

Dais sombra para o repouso;
Abrigo e cibo nos dais;
Que são para o nosso gozo
Landeiras e mangueirais.

Seja pois dia de festa
O dia em que vais plantar
O início de uma floresta,
O começo de um pomar!

ÁRVORE

António Ramos Rosa

Forço e quero ao fundo delicadamente
como subindo no sentido da seiva
espraiar-me nas folhas verdejantes,
espaçado vento repousando em taças,
mão que se alarga e espalma em verde lava,
tronco em movimento enraizado,
surto da terra, habitante do ar,
flexíveis palmas, movimentos, haustos,
verde unidade quase silenciosa.

ÁRVORE

Nicolau Saião

Gostava de ter árvores como alguns têm flores.
Árvores, muitas árvores: laranjeiras, pinheiros, uma oliveira ao pé
do mar, se eu tivesse uma casa a sotavento das dunas
como as que se adivinham em certos quadros de Cézanne
se a luz é muito clara e permanece
com velhos nomes gregos que não sei.
Nespereiras, limoeiros, uma que outra ameixoeira
parecendo, vistas de longe, ser
de uma substância estranha e desconhecida.
Não me importava, até, de em tardes de calor
ter dentro do meu quarto um abrunheiro donde pendesse
um decente e fraternal cadáver.

A verdade é que não me assusto facilmente
e tenho confiança no reino vegetal.

Malus sieboldi, *catoneaster dielsiana*, vós sois
os mais exactos filhos do mundo.

Gostaria de me rodear, um dia, de videiras
– essas árvores turvas da esperança –
e quando digo rodear sei o que digo, pois
queria que se enrolassem nos meus rins, nas espáduas
me descessem pelas pernas e lançassem
perto do meu sexo folhas novas
e que, ao lusco-fusco, enquanto no céu passam
os pequenos satélites mortais e luminosos que o desespero
do Homem lá coloca, por surpresa se transformassem
em plantas de gesso de frutos impensáveis.

Chego a perturbar-me por vezes se vejo
uma árvore junto a um hospital
Não sei porquê creio que me lembro mais
ou sinto mais
agudamente os níveis dolorosos das origens
do cristal, da carne

os esponjosos tecidos da sombra e da frescura
das cores da morte pronta para o grande tumulto.

Que medo, em certas noites, ver
de noite uma árvore

Sei perfeitamente que uma árvore é um símbolo
obscuro da nossa vida, principalmente da nossa vida
que não houve. Mas mesmo assim
dentro das ruas, dentro das casas
as árvores têm um outro entendimento
um mistério muito delas
– e não completamente inventados –
pois não desprezam a agonia dos homens, o choro dos homens
o seu riso, a sua fome, os sinais todos
que o Homem podia e devia ter.

As árvores começam e acabam sem amor
e sem ódio.

A UMA ÁRVORE

Jules Supervielle
Trad. de Cláudio Veiga

Sem muita folha e o tronco tão-somente,
Dizes tão bem o que não sei dizer
Que nunca mais houvera de escrever
Se me restasse alguma luz na mente.

E tudo aquilo que esconder não quis
E tão perdido e sem razão parece
Nenhuma explicação de mim merece,
Ao ver exposta ao sol uma raiz,

Muda, chorando lágrimas de terra.

ÁRVORE SIMBÓLICA

José de Alencar

– Que fazes tu, em meio do caminho,
Loureiros ideais amontoando?
Olha... com astros já formei teu ninho:
Vem dormir... inda há dia, e estás suando. –

Falou-lhe a morte assim com tal carinho,
Que ele dormiu, a obra abandonando:
E quando o mundo o procurou, foi quando
Viu que um sol cabe num caixão de pinho.

Devia ser-lhe marco à cabeceira
Uma águia, abrindo as asas remontada...
Não tem... plantemos tropical palmeira.

O tronco esbelto, a coma derramada
Dará ideia duma vida inteira
Sempre a subir... sempre a subir coroada...

A LIÇÃO DA ÁRVORE

Júlia e Afonso Lopes de Almeida

Vida, que a vida serves e alimentas,
Gramínea débil, melindroso arbusto,
Folhagens, franças, frondes opulentas,
Esguio caule, tronco alto e robusto;

Frutos e flores – pábulo e beleza;
Grão que dá vida e a vida perpétua,
Que enche de vida toda a Natureza
Se cai no sulco aberto da charrua;

Semente que germina, estala e engrossa,
Cresce e, tronco, frondeja e toma vulto,
- Árvore, amiga do homem, que ele possa
Fazer do teu amor um vasto culto;

Que aprenda, à luz do Sol que te redoura
A ramaria verde e o tronco bruto,
Que é Bondade – na sombra abrigadora,
E Generosidade, no teu fruto.

Árvore! Que o homem te ame sempre e veja,
Enternecido, em teu aspecto rude,
Que nada, amiga, fazes que não seja
Exemplo de moral e de virtude!

AMOR VEGETAL

Affonso Romano Sant'Anna

Não creio que as árvores
Fiquem em pé, em solidão, durante a noite.
Elas se amam. E entre as ramagens e raízes
Se entreabrem em copas
Em carícias extensivas.
Quando amanhece,
Não é o cantar de pássaros que pousa em meus ouvidos,
Mas o que restou na aurora
De seus agrestes gemidos.

PRECE DAS ÁRVORES

Luís Delfino

– Senhor, Deus, Eloim, sede clemente:
Mostrai-lhes sempre aos dois os bons caminhos,
Que não pisem aos pés urzes e espinhos,
Que tenham água em límpida corrente.

Que seja o céu azul, o sol fulgente;
Lhes preste a natureza os seus carinhos:
Deem-lhes os troncos folhas, sombra e ninhos,
Seja-lhes sempre aroma e luz o ambiente.

As árvores cantavam, misturando
O orvalho, pranto em gotas, brando e brando:
E as cítaras brandindo iam também

Anjos, com tristes salmos, repetindo:
– Perdão, piedade, amor a par tão lindo.
E o Éden todo, a chorar, dizia: – Amém. –

AS ÁRVORES DAS RUAS
(Monólogo)

Manoel Penna

A Primeira

Eu era simples planta há pouco transplantada
E me julguei feliz, aqui sempre amparada
Pelo povo educado e orgulhoso de mim,
Desta terra ideal – que é a cidade – jardim.
E, assim, ia eu crescendo enlevada e contente,
Num meio protetor de urbaníssima gente,
Que, em tardes de verão, nos dias de calor,
Vinha molhar-me o pé, com carinhoso amor...
Certa noite, porém, tenebrosa e tremenda,
Em que o vento, ao soprar, gemia em cada fenda,
De mim se aproximou um tipo excepcional:
Tinha aspecto de gente e também de animal;
A horripilante luz de seu olhar felino
Me fez tremer de horror tal qual um assassino!
E, sem nada dizer, o tal monstro feroz,
Agarrando-me o caule, embarga a minha voz
E arranca-me do chão com tal brutalidade
Que nem notou, sequer a minha pouca idade!

Segunda Árvore

Eis a história comovida
Da planta que aqui morreu,
Onde agora vegeto eu.
Não tenho própria defesa
Nem sequer me locomovo:
É minha vida estar presa
Mas guardada pelo povo.

Pra não ter a mesma sorte
Que a minha irmã teve aqui,
Resguardando-me da morte,

Prendem-me em férreo giqui.

Mesmo assim na prisão, ao céu levanto os braços
Pedindo a Deus que ponha imensos embaraços

Nessa horda de imbecis, brutos sem coração,
Que depredando vêm nossa arborização.

Ou, então, que lhes dê qualquer ensinamento
Que lhes possa tirar o mal do pensamento.

A ÁRVORE ANTIGA

Simões Pinto

Vede esta árvore antiga: – Que tristeza
Se aos açoites do vento se debruça!
Parece que ali chora a natureza
E, em cada galho, um coração soluça!

A árvore tem uma alma, com certeza,
Que na folhagem víride se embuça,
Porque palpita e se lamenta, presa
Das rajadas cruéis que o vento aguça.

Tem uma alma porque, se a não tivera,
Seria indiferente à madrugada,
Às carícias da luz e à Primavera.

E a árvore no seio da floresta,
Protege o amor da multidão alada
Que enche a terra de cantos e de festa!...

A ÁRVORE

Aristeu Seixas

Árvore bela e secular, nascida
Ao desumano látego do vento,
Fora do vento ao látego crescida
Para a tortura e para o sofrimento

Deu paz, deu sombra, deu amor, deu vida,
No desterro fatal do esquecimento,
Aos que lhe foram suplicar guarida
E um lenitivo para o seu tormento.

Mas hoje, descarnadas as raízes,
Folhas ao vento, galhos mutilados,
Geme e soluça pelas cicatrizes...

Árvore! Envelheceste sem pecados,
Boa e piedosa pra os infelizes,
Piedosa e boa para os desgraçados!

ÁRVORES

Edgard Rezende

A árvore amiga é sempre mais amiga
Se no próprio quintal nasce e viceja.
Se ela viveu conosco, se ela abriga
Uma saudade, uma ilusão que seja.

Se ela, serena, assiste à insana briga
Da Natura, que os raios lhe despeja,
E em troca dá-nos frutos, por que siga
Os destinos de paz que tanto almeja.

...Naquele amado e místico recanto...
Sim, a felicidade ficou lá
– E aqui a minha alma se desfaz em pranto!...

Foi em Belém do meu... do meu Pará
Que deixei o meu pai – herói e santo –
E a minha árvore amiga do Araçá!...

VELHAS ÁRVORES

Suavita Martino

As velhas árvores despertam-me um sentir,
Que é misto de respeito e terna devoção;
Aos pés de um velho tronco, julgo sempre ouvir
O compassado palpitar de um coração.

E quantas, quantas vezes, creio distinguir
No farfalhar das árvores, restos de oração!
Não sei que sentimentos podem transmitir,
Mas, junto delas, sou renúncia, amor, perdão.

Tanto eu as quero, cada qual a mais querida,
Que de louvá-las, por mais cânticos que entoe,
Jamais se fartará minh’alma enternecida.

E se é pecado, peço a Deus que me perdoe,
Pois vendo-as, a cada uma comovida,
Sinto desejos de pedir que me abençoe.

A ÁRVORE

Leoncio Correia

Olímpica, triunfal, na afirmação suprema
Da força e da bondade – a árvore estende os braços
No desejo febril de abarcar os espaços
Desde a orla azul, de um lado, a outra orla azul, extrema.

Prende-a à terra, porém, a tirânica algema
Da raiz... e ela acolhe os caminheiros lassos
À sua sombra amiga, onde bailam pedaços
Da luz, que lhe coroa a verdejante estema.

Imponente, domina o derredor... Um dia,
Machado ao sol faiscante, o homem, bruto, a golpeia,
E ela oscila, e ela cai... Da densa ramaria

Das aves desertou o sonoroso canto...
E a árvore o que vai ser de cicatrizes cheia?
Canoa, esquife, berço, ou leito, ou cruz, ou santo?

A VOZ DAS ÁRVORES

Antônio Salles

Surdo é quem diz que uma árvore não fala!
Se muitas vezes permanece muda,
Logo que um sopro de favônio a embala,
Ela em ser eloquente se transmuda.

E, se depois o furacão estala
Como uma fera a esbravejar sanhuda,
Ouvireis em seu verbo toda a escala
De sons, de flébil queixa à grita aguda.

A planta é um corpo de que o vento é a alma;
Fala o ramo florido, fala a palma,
Fala a folha minúscula da alfombra.

Que histórias contam! Que gentis segredos
Sabem narrar os velhos arvoredos
A quem, cansado, lhes procura a sombra.

A VOZ DA ÁRVORE

Suavita Martino

CRIANÇA!
Tu que és a esperança
De um mundo melhor, de paz,
Ouve o apelo que te faz
Esta amiga dedicada:

Sou a obra abençoada
Do Eterno Criador,
Por isso sou toda amor
Do princípio ao fim da vida.

Sou abrigo, sou guarida
De todos os passarinhos;
Protejo igualmente os ninhos
Do vento, da chuva e do frio.

Nos dias quentes, no estio,
Sou aquela sombra amiga
Que descansa da fadiga
O caminhante que passa.

Florida, sou toda graça
Beleza e encantamento,
Dou fruto – sou alimento,
Sou amiga verdadeira.

E transformada em madeira,
Sou o fogo em que te aqueces,
O leito em que adormeces
Descansando dos folguedos.
Sou teu livro, teus brinquedos.

CRIANÇA!
Tu que és a esperança
De um mundo melhor, de paz,
Ouve o apelo que te faz

Esta amiga dedicada:

Se me vires maltratada,
Detenha o inconsciente;
Pagando assim meu amor
Hás de me ver renovada,
Pois sou obra abençoada
Do Eterno Criador.

FESTA DAS ÁRVORES

Arnaldo Barreto

Cavemos a terra, plantemos nossa árvore,
Que amiga bondosa ela aqui nos será!
Um dia, ao voltarmos pedindo-lhe abrigo,
Ou flores, ou frutos, ou sombras dará!

O céu generoso nos regue esta planta;
O sol de Dezembro lhe dê seu calor;
A terra, que é boa, lhe firme as raízes
E tenham as folhas frescura e verdor!

Plantemos nossa árvore, que a árvore amiga
Seus ramos frondosos aqui abrirá.
Um dia, ao voltarmos em busca de flores,
Com as flores, bons frutos e sombras dará!

A ÁRVORE

Fábio Montenegro

Hirta, negra, espectral, chora talvez. Responde
Seu próprio choro, à voz do vento que a fustiga,
Ela que ao sol floriu, floriu às chuvas onde
A paz é santa, o campo é doce, a noite é amiga...

Esse que esconde a chaga, essa que a história esconde,
Que conhece a bonança e a borrasca inimiga,
Já foi flor, foi semente, e sendo arbusto, a fronde
Ergueu para a amplidão às aves e à cantiga.

Que infinita tristeza o fim da vida encerra,
A quem já pompeou ao sol, na própria luz,
As flores para o céu e a sombra para a terra.

Foi semente, brotou... Árvore transformada,
Sorriu em cada flor e, hoje, de galhos nus
Velha, aguarda a tortura estúpida do nada!

ÁRVORE DA RUA

Amadeu Amaral

Quando te vejo, amiga, balançando
No ar impuro e bulhento da cidade
A velha fronde empoeirada; quando
Te considero o manso aspecto, invade

Toda minha alma, repentinamente,
Uma onda de tristeza comovida.
É que eu sou como tu, triste e doente,
Vivo isolado, como tu, na vida.

Tu nascestes de certo, no amplo seio
Da natureza, a grande mãe extrênua,
Em meio de outras árvores, em meio
De arroios mansos e de gente ingênua;

E hoje, abrindo essas ramas, com desgosto,
Neste ar tão carregado de impurezas,
Tens o aspecto doentio e descomposto
De aves selvagens que definham presas.

Eu, que também nasci, como nasceste,
Na doce paz bucólica da aldeia,
Também padeço nesta vida, neste
Ambiente cruel que nos rodeia.

Quando moves o vulto escuro e lento
Como um soluço maguado em cada galho,
Queixas pareces derramar aos ventos,
Como eu aos ventos minha dor espalho.

Ninguém percebe, entanto, nossas dores,
Nem vê que já perdemos a magia
Que em tua copa rebentava em flores
E que minha alma de ilusões floria.

SACRIFÍCIO DA ÁRVORE

Gumercindo Fleury

Não havia, Senhor!, no olhar sereno,
A angústia que somente a dor traduz,
Naquele dia, ó doce Nazareno,
Em que os maus Te pregaram numa Cruz.

Antes, o Teu sorriso, sempre ameno,
De beleza que à vida nos conduz,
Não mostrava um só travo de veneno,
Rutilando na glória em plena luz!

E o madeiro, dos tempos esquecido,
Viu-se na Tua morte convertido
Na prisão do corpo de um só Deus.

E hoje, olhando a Cruz, a humanidade
Vê na árvore a santa majestade,
Que os braços ergue em prece para os céus.

À FLORESTA

Franklin Magalhães

Veio de ti o berço em que eu dormia
E sonhava, a sorrir, quando criança.
Mais feliz do que a flor, que se embalança,
E a aura, que canta em tua ramaria!

De ti me veio o leito em que se abria
Minh'alma aos sonhos cheios de esperança,
E antes, por tantas noites, sem bonança,
Busquei debalde alívio à alma sombria.

Talvez, vindo de ti, já esteja feito
O tálamo de amor, em que a ventura,
Gozamos em lânguido abandono...

De ti quem sabe se já veio o leito,
Em que eu irei dormir, na cova escura,
Meu derradeiro, meu eterno sonho?

ÁRVORE SERTANEJA

Arlindo Barbosa

Vejo-te desgalhada na campina,
Braços abertos para o azul distante,
Como a clamar justiça à lei divina
Que parece te ouvir a cada instante.

Insana fúria bárbara e assassina
Dos homens incendiou-te a verdejante,
Cheirosa coma, que não mais se inclina
Para os beijos do vento galopante.

Árvore amiga! Solidão e luto
Falam de ti por toda a redondeza
Do horizonte em seus plácidos recortes.

Folhagem, seiva, ninho, flor e fruto
Perdeste! Mas, ostentas na Beleza
A majestade olímpica dos fortes!

O TRONCO

Carlos Azevedo Silva

Mísero tronco desgalhado! Agora,
Neste retiro silencioso e quedo,
Com que tresloucamento te devora
A saudade dos tempos de arvoredo!

O teu destino é desumano e tredo!
Não bebes mais as lágrimas d'aurora,
Nem te procura mais o passaredo
Para cantar uma canção sonora!

E eis o contraste bárbaro da sorte:
Ao entrares no rol dos infelizes,
Cantando, o lenhador dava-te a morte!

E cantava sem ver, o desgraçado,
Que a alma te fugia das raízes
Quando vibrava os golpes do machado!

A VOZ DAS ÁRVORES

Luiz Guimarães

Enquanto os meus olhares flutuavam
Seguindo os voos da erradia mente,
Sobre a odorosa cúpula fremente
Dos bosques – onde os ventos sussurravam.
Ouvi falar. As árvores falavam:
A secular mangueira fielmente
Repetia-me a rir o idílio ardente
Que dois noivos, à tarde, lhe contavam;

A palmeira narrava-me a inocência
De um brando e mútuo amor, - o sonho que veste
Dos louros anos a feliz demência;
Ouvi o cedro, - o coqueiral agreste,
Mas excedia a todos a eloquência
Duma que não falava: - era o cipreste.

QUEM POUPA AS ÁRVORES ENCONTRA TESOUROS

A. F. Castilho

O vizinho Milão, que hoje é tão rico
Não tinha mais que uma árvore, e de terra
Só quanto aquela sombra lhe cobria.
– “Corta-a, Milão, diziam-lhe os pastores.
Alegras teu campinho, e terás lenha
Para aquecer a choça um meio inverno.”
– “Eu! Respondia o triste, eu pôr machado
Na boa da minha árvore? Primeiro
Me falte lume alheio o inverno todo,
Que eu mate a que a meu pai já dava sestas;
A que de meu avô me foi mandada,
Que a mão pôs para si; e a que nos braços
Me embalou tanta vez sendo menino.
Os deuses a existência lhe dilatem,
Que assim lhe quero eu muito, e o meu campinho
Produza o que puder, que eu sou contente.”
Sorriam-se os pastores; o carvalho
Cada vez mais as sombras estendia,
E Milão de ano em ano ia a mais pobre.
Lembrou-se um dia em bem, que uma videira
Plantada a par com o tronco, o enfeitaria,
E os cachos pendurados pela copa
Lhe dariam também sua vindima:
E eis que ao abrir a cova, acha um tesouro!
Desde então ficou rico, e diz-me sempre,
Que os deuses imortais lh’o hão dado o prêmio,
Por amar suas árvores. É ele
Quem m’as ensina amar, são dele os versos,
Com que ao bosque de Pã cantei louvores.

HINO À ÁRVORE

Basílio de Magalhães

Bendita sejas, árvore bondosa,
Quer abrigues, nas grandes soledades,
A doce passarada sonorosa,
Quer sombra dês às gentes das cidades!

Na tua verde copa é que se esconde
A orquestra dos alígeros cantores,
A cujos sons se expande a tua fronde
Na opulência dos frutos e das flores.

Aformoseando o seio da floresta,
Oh! Que poder o teu encanto encerra!
Gigantesca, pletórica ou modesta!
A chuva atrais às vísceras da Terra!

Sem ti não se ergueriam nossas casas,
Nem os mares sulcara audaz navio.
Que seria do pão sem tuas brasas?
Quem espancara a escuridão e o frio?

Que sombranceies, rumorosa, os vales,
Quer enriqueças campos e colinas,
Mitigam vários dos humanos males
Teus bálsamos, essências e resinas.

Nada do que produzes se despreza;
És útil, viva ou morta, à terra inteira,
E a tua láctea seiva é uma riqueza
Das maiores da Pátria brasileira.

Tu foste deusa do selvagem bronco;
Derribou-te, porém, rijo machado,
Quando o homem fez a choça do teu tronco
E dele fez seu leito de noivado.

Sem ti, que fora a vida no universo?

Alimento nos dás, nos dás conforto,
E, se forneces à criança o berço,
Também forneces o caixão ao morto.

Eis porque nós, ó árvore, te amamos,
Louvando-te as virtudes benfazejas.
Como cantam as aves nos teus ramos,
Assim cantamos nós: - Bendita sejas!

AS ÁRVORES

F. Varela

Por que te afliges, mísero poeta?
Não nos conheces mais? Olha, contempla:
E nestes troncos ásperos, nodosos,
Verás feições amigas. Nesta queixa
Que de nossas folhagens se desprende
Escutarás de novo o meigo timbre
De teus sócios de infância. Nesta sombra
Que alongamos do chão, verás o leito
Onde, tantos momentos, repousaste.
Ah! Eras belo nesse tempo! A aurora
Tinha-te posto toda a luz nos olhos!...
Quando passavas, teu caminho ledo
De frescura e de folhas alfombrávamos!...
E tu partiste, ingrato, e tu partiste!
E trocaste o sossego do deserto
Pelo fulgor das salas dos palácios!
Pelos fingidos risos da mentira!
Pela voragem negra onde soluças!

A ÁRVORE

Alberto de Oliveira

I

Entre verdes festões e entrelaçadas fitas
De mil vários cipós de espiras infinitas,
Mil orquídeas em flor, mil flores, - sobranceira,
Forte, ereta, na altura a basta fronde abrindo,
Coroada do ouro do sol, aos ventos sacudindo
    A gloriosa cimeira;

A árvore, abrigo e pouso à águia real, sorria.
Dez léguas em redor o bosque inteiro via,
E os campos longe, e o vale e os montes longe, tudo:
Nuvens cortando o ar, e pássaros cortando
As nuvens, e alto o sol, na alta esfera radiando,
    Como fulgente escudo.

Ampliondeante a rainha o manto seu na altura
Abria. Coube ao tempo a rígida armadura
Vestir-lhe. A intacta fronte, era um cocar guerreiro
Que a cingia, e o tufão que o diga se era forte,
Quando o intentou dobrar; que o diga o irado note
    Com o seu tropel inteiro.

Passaram sem feri-la, esbravejando às soltas,
Ventos e temporais; e das nuvens revoltas
Alumiou-a, à luz do raio, a tempestade;
Mas, chegando a manhã, lá estava, altiva e bela,
Incólume, a cantar, zombando da procela,
    A ária da liberdade.

Vinham então grasnar em seu negro fastígio
Os bravos corvos do alto e ouviam-se em remígio
Grandes águias a luz cruzando, tenebrosas;
Enquanto, de eco em eco, um berro imenso atroava
A selva, e o touro a ouvi-lo, híspido o pelo, arruava
    Nas planícies umbrosas.

E que ubérrimo seio a toda vida aberto
Era o seu! Quanto amor à sombra do deserto,
Quanto! quando, o raizame ao solo preso, as cimas
Dava esta árvore à luz, e o orvalho brando, ao vento,
Via-se gotejar, de momento em momento,
    Das ramagens opimas!

Giganta e mãe, alteando os ombros, quanta vida
No ar não fez florescer dos flancos seus nascida!
Quando a verçuda copa às virações estranhas
Entregava, aspirando o puro ambiente, a quanto
Ser não nutriu, fecunda, agarrado ao seu manto
    Ou às suas entranhas!

Ia-lhe caule acima, em longos cirros, toda
A hera da floresta, os vegetais em roda
Deixando, a ver mais alto o céu, mais livre agora;
E o líquen verde, o musgo, o feto, as capilárias,
As ginândrias gentis, epífitas, e as várias
    Bromélias cor da aurora.

De seus braços em volta — enroscadas serpentes,
Leves, a suspender as maranhas virentes,
As baunilhas em flor alastravam; abriam
Os ciclantos, e ao lado, acompanhando os liames
Das bignônias, ao sol, em trêmulos enxames,
    As abelhas zumbiam.

Filiforme, oscilando, ao píncaro suspensa,
A trama dos cipós se desatava imensa;
Em seu colo, não raro, a cobra a fulva escama,
Com os estos do verão, fez esmaiar, - enquanto
Tardo pássaro estivo, em suspiroso canto,
    Voava de rama em rama.

Não raro, em bando inquieto, as variegadas plumas
Viram aves, talvez, ali crescer. E algumas,
Talvez, entre a expansão tricótoma e sadia
Destes ramos, à sombra, o ninho penduraram,

E, primeiras da selva, as asas levantaram
Para saudar o dia.

Mais que abrigo de paz, um seio de piedade
Foi est'árvore. Ao vento, à chuva, à tempestade
Fugindo, brenha a brenha, e de terror transido,
Não raro o tigre em pouso aqui teve seguro,
Enquanto atroava o raio o firmamento escuro,
O espaço enoitecido.

Não raro o sol soturno a corça e o leão transpondo,
Quando o incêndio estouraz ao longe em rouco estrondo,
De raiva inflado, a um sopro aliava as fúrias, vieram;
E, afuzilando o olhar, o pelo hirsuto, a míngua
D'água, o orvalho estival caído aqui, com a língua
Nestas folhas beberam.

Não raro! E quanta vez de extinta raça, à aragem
Matinal, não se ouviu do rito a voz selvagem
Saudando o sol aqui, sob esta arcada! E, à lua,
À noite, quanta vez, na aura vernal trazido,
Não se veio perder de estranha dança o ruído
Nesta folhagem nua!

E era grande! e era bela est'árvore assombrosa!
Tudo a amava, e ela, altiva, ela, entre a luz, gloriosa,
Lançava aos céus robusta a sua fronte, em festa;
E um longo canto ecoava aos pés da soberana...
Mas... Como a palpitar do cacto agreste à liana,
Não tremeu a floresta!

II

...Entrara a selva um dia um homem. Sopesava
Tersa afiada segure. Em torno a vista crava,
A árvore vê. Levanta o truculento olhar.
Toma-lhe a altura enorme aos ramos, a espessura
Ao tronco. E o ferro, audaz, de sólida armadura,
Faz sinistro vibrar.

Mas nem sequer um ramo estremeceu. Violento
De novo no ar volteia o tétrico instrumento,
E soa o golpe. Ainda um ramo nem sequer
Estremeceu. Resiste a casca espessa, o escudo
Da corcha. P'ra fendê-la, ao braço heroico e rudo
Mais esforço é mister.

Pois novo esforço. Gira a arma assassina ao pulso
E lá vai, lá bateu, que é força entrar. Convulso
O homem de novo às mãos sacode-a. Inda outra vez
Sacode-a. O aço lampeja, e do cortante gume
A fúria estona o tronco. E há, talvez, um queixume
No madeiro, talvez...

Mais outro esforço. No ar, como mandrão guerreiro,
Zune o ferro, e feriu o precípite, certeiro:
A casca espicaçou-se em lâminas sutis...
Correu longo tremor o caule informe, erguido,
E, sobretudo, ouviu-se o eco de um gemido
Na alastrada raiz.

Outro golpe, outro abalo. Em finas lascas voa
Picada a lasca, e da arma ao rudo embate ecoa
A solidão. Pergunta espavorida a flor
À ave: - Que voz é esta? — E o tigre, a furna entrando:
— De onde parte este grito? E os rufos leões, parando:
- Quem faz este rumor?

E é da ruína estupenda o lúgubre alarido
De montanha em montanha e bosque em bosque ouvido.
Tudo, da grimpa excelsa ou da planura, o Val
E o rio, o cedro e a rocha, o enho e a palmeira, pondo
O olhar nos céus, escuta aquele excídio hediondo
E crime sem igual!

A grande árvore cai! A ramaria forte
Treme em cima, dançando uma dança de morte.
Rompeu-lhe o alburno agora e vai-lhe ao coração
O atro golpe. Uma a uma as fibras rangem; fala,

Ringe, arqueja o madeiro, e pouco a pouco estala,
À mortal vibração.

A grande árvore cai! Já se lhe inclina e verga
A fronte, e aos pés, a gruta, - o seu sepulcro, enxerga!
Astros, sol, amplidão, esferas de ouro, céus,
Nuvens, sopros do mar, e pássaros da aurora:
A grande árvore cai! mandai-lhe em prato agora
O vosso último adeus!

A grande árvore cai! Como entre o firmamento
E o mar alto, o viajar, um grande mastro ao vento
Oscila: oscila assim seu corpo imenso no ar.
Elos, cirros, cipós, que o segurais, deixai-o!
Rompeu-se-lhe a medula, e já rechina o raio...
Não o ouvis estalar?!

A grande árvore cai! Com os ramos seus robustos
Ide envoltos na queda, ó vós que a amais, arbustos;
Segui-a ao sono extremo, ó corvos, vós que a amais!
Ouvi! cede-lhe o cerne ao ferro que o retalha...
Cosei-lhe em flor e em luz esplêndida mortalha,
Florestas tropicais!

E caiu! rudemente e com ela rodaram
Ruindo os cedros na gruta, e os montes estrondearam...
Rasgou-se ao bosque o teto, a túnica se abriu;
E a ave, e o réptil, e o inseto, e o próprio homem, transido
De horror, tudo fugiu de pronto, espavorido,
Quando a árvore caiu!

E da ruína estupenda o lúgubre alarido
Foi de ermo em ermo e foi de bosque em bosque ouvido;
Tudo, da grimpa excelsa ou da planura, o val
E o rio, o cedro e a rocha, o enho e a palmeira, pondo
O olhar nos céus, tremeu àquele excídio hediondo
E crime sem igual!

ÁRVORE SECA

Alberto de Oliveira

Sobre o despenhadeiro debruçada,
Retorcida, convulsa, imensa,
Com as raízes já frouxas, e mirrada,
Está uma árvore anosa, e pensa.
Passou a vida com os festões que abriram
E murcharam de tantas flores
Com as galas que os seus ramos revestiram,
Com o sol, com a luz e com os amores.
O que ora vês e para o chão se inclina,
Como um velho trêmulo e absorto,
E a sombra do que foi, espectro, ruína,
Rude tronco infecundo e morto.

Porque não cais, árvore inútil? Olhas
Receosa para o precipício.
Onde o tempo uma a uma as tuas folhas
Arrojou, no tremendo exício.
Irresoluta, com a ideia escura
Que impeliu a mão do suicida,
Tens-te atentando em baixo, a atra espessura
Do abismo, e acima o sol, e a vida.

Cai! Sem folhagem mais, cujas estomas
O ar da serra, em dias felizes,
Te respiraram, ar que em seiva e aromas
Te corria o caule e raízes;
Sem joias mais – chuveiros de brilhantes
Do almo orvalho que a noite chora,
A rutilar nas festas deslumbrantes
E aleluias de ouro da aurora;
Só e espectral, os ramos desornados
- Longos braços mortos, abrindo,
Que esperas mais? Teus dias são passados,
Que mais fazes? Cai! Tudo é findo!

Parece-me, encarando a árvore anosa,

Que ela fala, ela assim me diz:
- “Homem, por tua vez, viste a formosa
Quadra passar, flórea e feliz.
As folhas minhas que no chão rolaram
E onde os olhos cismando pões,
Deixaram-me, homem, como te deixaram
Uma por uma as ilusões.
A cada flor que vi cair e a rara
Fina essência, murcha, perdeu,
Corresponde em teu íntimo, compara,
Uma esperança, um sonho teu.
Carregada de pássaros, da esfera
Clara arraiada com o esplendor,
- Ode, esmeralda e luz, a primavera
Celebrei, celebrei o amor.
Tu, primavera e amor, alma vestida
De um clarão de poesia e ideal,
Cantaste, e em cantos se te foi a vida
A escoar sonora e triunfal.

Envelheci. Ambos envelhecemos.
Adeus, nítido azul dos céus!
Carícias do ar, e sol, e amor, e extremos!
Rumorejos, versos, adeus!
Envelhecidos, a hesitar, em tanto,
E pávido cada um de nós,
Sobressaltado de terror e espanto.
Olha aos pés seu abismo atroz.
Qual sombras, incertezas que o consomem
Há de ir lá primeiro extinguir?
Devo cair... mas porque o lembras, homem,
Se também terás de cair?”

A DERRUBADA

D. Francisco de Aquino Correia

Reboa o machado,
No seio umbroso da floresta,
Num assíduo fragor monótono, vibrado
Pela força brutal do homem rústico e bronco;
E, pancada a pancada, a lâmina funesta
Golpeia o rijo tronco
De uma árvore copada.

É a derrubada!

A árvore, de alto a baixo, estremece e farfalha
A cimeira pletórica, por onde
Ascende a seiva e a circular, de fronde em fronde,
Pela folhagem víride se espalha,
Como se a cada golpe, a cada corte,
Em contorções, em ríspido arrepio,
Sentisse o calafrio
Invencível da morte.

A árvore treme a cada
Violenta cutilada
Que, ferindo-a, desfere a derrubada.

Abandonam-lhe os ramos seculares,
Festonados de frutos e de flores,
- Verde Arcádia dos pássaros cantores,
As aves e os insetos,
Que, assustados e inquietos,
Em debandada, fogem pelos ares.

E como é triste ver a árvore abandonada
Seguindo a tribo fugitiva e alada,
Espavorida pela derrubada!

Aos rudes golpes, aos fundos talhos
Que lhe abre, em lascas, no duro lenho,

Ferindo largo, cortando cerce,
Decepando as hastes, mutilando os galhos,
O aço rompendo as fibras e os tecidos
A esse herói vegetal, cheio de cicatrizes,
Arranca-lhe a cortiça um rangido rouquenho
- Um gemido maior que os humanos gemidos...
E a árvore estala, verga, as ramadas derreia
E, aluída no sólido alicerce
Das profundas raízes,
Baqueia...

Tomba cortada,
Desarvorada
Aos embates da derrubada.

Morre...
E o homem que, sem piedade, a desmorona,
Certo não vê no caule o sangue que lhe escorre
Em resina aromal sobre a nodosa tona
Da planta maternal, que produzira, outrora,
Flores para adornar a cabeça de Flora
E frutos para encher o colo de Pomona.
O machado reboa... E pancada a pancada,
Prossegue, mata a dentro, a derrubada.

Nos ímpetos selvagens
Da sua faina bárbara e nefasta,
O destruidor devasta
Os arbustos do campo, os altos arvoredos,
Extinguindo com o exício das folhagens
Os aspectos, encantos e segredos
Do doce bucolismo das paisagens.
E eis em pouco, amontoada,
A selva sobre o chão, na derrubada.

Rasgam-se clareiras
Na cerrada espessura
Da mata, agora exposta aos inclementes
Rigores das soalheiras,
Enquanto sob a verdura

Enganosa da alfombra,
Os mananciais circunjacentes
Vão se esgotando, à míngua da frescura
Benéfica da sombra...
E vão secando fontes e correntes...
Vão-se exaurindo os veios transparentes
Da água límpida e pura.

Quem sabe a linfa tímida, assustada,
Se esconde da derrubada!
Sucumbe a flora, de desconforto,
E a fauna foge, espavorida,
Ante o infortúnio, ante a tristeza,
Ante a desolação da floresta abatida,
Horto
Onde as ninfas em pranto, onde faunos em prece
E lastimosas dríades parece
Dizerem para os céus, num grande apelo à Vida,
Pela unânime vos da Natureza:
- "Pã, nosso deus, é morto!"

E a mater Natureza, amargurada,
Dos espaços chora sobre a derrubada...

Cai a chuva fecundante...
E a terra adusta, calcinada,
Torna-se, por encanto, verdejante:
Os troncos brotam, reverdecem; tudo
Germina em festões verdes de esperança,
Como para mostrar ao homem bárbaro e rudo,
Em cada broto, em cada folha, em cada frança,
Que, como Deus, ressurge a floresta sagrada!

É o protesto da Vida renovada
Contra a derrubada!

CRIANÇAS, AMAI AS ÁRVORES!

Martins D'Alvarez

Meninos, amai as árvores!
Pois elas são como nós…
Têm coração nas raízes
E as folhas falam, têm voz.

Não devemos machucá-las;
Elas também sentem dor.
E são tão boas… Dão sombra,
E os seus frutos nos dão cor.

Elas morrem para dar
Conforto ao nosso viver…
Do leito, para sonhar,
Ao carvão para aquecer.

Sejamos irmãos das árvores!
Façamos-lhes festas mil!
A árvore é a fada da pátria…
Foi quem deu nome ao Brasil!

CÂNTICO DAS ÁRVORES

Olavo Bilac

Quem planta uma árvore enriquece
A terra, mãe piedosa e boa:
E a terra aos homens agradece,
A mãe os filhos abençoa.

A árvore, alçando o colo, cheio
De seiva forte e de esplendor
Deixa cair do verde seio,
A flor e o fruto, a sombra e o amor.

Crescei, crescei na grande festa
Da luz, de aroma e da bondade,
Árvores, glória da floresta!
Árvores, vida da cidade!

Crescei, crescei sobre os caminhos,
Árvores belas, maternais,
Dando morada aos passarinhos,
Dando alimento aos animais!

Outros verão os vossos pomos:
Se hoje sois fracas e crianças,
Nós, esperanças também somos
Plantamos outras esperanças!

Para o futuro trabalhamos:
Pois, no porvir, novos irmãos,
Hão de cantar sob estes ramos,
E bendizer as nossas mãos!

SAUDAÇÃO ÀS ÁRVORES

Henry Van Dyke
Tradução de Sammis Reachers

Muitas árvores são encontradas na floresta,
E toda árvore para seu uso é boa:
Algumas pela força da raiz retorcida,
Algumas pela doçura da flor ou da fruta;
Algumas para abrigar contra a tempestade,
E algumas para manter a pedra da lareira quente;
Algumas para o telhado, e algumas para o feixe,
E algumas para um barco para enfrentar o fluxo -
Na riqueza da madeira desde o início do mundo
As árvores ofereceram seus presentes ao homem.

Mas a glória das árvores é mais do que seus dons:
É uma bela maravilha da vida que se eleva,
De uma semente enrugada em um torrão de terra,
Uma coluna, um arco no templo de Deus,
Um pilar de poder, uma cúpula de prazer,
Um santuário de música e uma alegria de se ver!
Suas raízes são as enfermeiras dos rios em nascimento;
Suas folhas estão vivas com o sopro da terra;
Elas abrigam as moradas do homem; e elas se dobram
Sobre seu túmulo com o olhar de um amigo amoroso.

Eu acampei na floresta sussurrante de pinheiros,
Eu tenho dormido na sombra de oliveiras e videiras;
Nos joelhos de um carvalho, ao pé de uma palmeira
Encontrei um bom descanso e o bálsamo do sono.
E agora, quando a manhã doura os galhos
Do olmo na porta da minha casa,
Eu abro a janela e faço saudações:
“Deus abençoe os teus ramos e alimente a tua raiz!
Viveu antes, vive depois de mim,
Tu, árvore antiga, amigável e fiel.”

AS TRÊS ÁRVORES

Myrtes Mathias

Era uma vez, no meio da floresta,
três árvores, que conversavam:
– Quando eu crescer – dizia a primeira –
quero ser transformada no berço
de um príncipe,
de um herdeiro real.

A segunda arvorezinha,
pequena aventureira,
falou:
– Eu quero ser um barco, grande e forte,
desses que singram os mares do norte,
levando tesouros e riquezas.

– E tu – perguntaram à menor delas –
nada vais ser?
– Oh! estou feliz de ser o que sou!
Quero ser sempre árvore,
no alto da montanha,
apontando para o meu Criador...

O tempo passou.
Vieram os homens,
e levaram a primeira arvorezinha.
Mas não fizeram dela
nenhum berço trabalhado.
Pelo contrário, mãos rudes a cortaram
transformando-a numa manjedoura,
onde os animais vinham comer.

E, ao ver-se ali,
no fundo da estrebaria,
a pobre árvore gemia:
– Ai de mim! tantos sonhos transformados
num simples tabuleiro de capim!
Mas, lá do Alto, uma voz chegou:

– Espera e verás
o que tenho preparado para ti.

E foi assim que,
numa bela noite de verão,
na estrebaria, uma luz brilhou,
quando alguém, se curvando sobre a manjedoura,
nela colocou um neném envolto
em faixas e paninhos.
Oh! era tão jovem a mãe,
tão lindo o pequenino,
que, se lágrimas tivesse,
teria chorado de emoção!

Principalmente, quando ouviu os anjos
e compreendeu:
– Que lindo destino o meu!
Em mim dorme mais que um príncipe,
mais que um rei – o meu Deus!

O tempo passou, passou...
Da segunda árvore a vez chegou.
Levaram-na para os lados do mar.
Mas, oh! decepção!
Nada de grande navio, nem mesmo um barco
de recreio.
Simplesmente,
humilhantemente,
um barco de pescar.

– Ai de mim!
Que foi feito dos grandes sonhos meus?
Viagens, tesouros,
alto-mar?

– Espera e verás o que tenho para ti –
a árvore pareceu ouvir,
enquanto na praia alguém acenava,
pedindo para ser transportado.
Que olhar sublime!

Que poder na voz, ao ordenar:
– Pedro, lança outra vez a tua rede ao mar!
A pesca maravilhosa aconteceu,
e o barquinho estremeceu:
Que maior tesouro poderia transportar
que o Soberano do céu,
o Senhor de toda a terra,
o próprio Dono do mar?

Mas, eis que chega a vez
da última arvorezinha,
aquela que desejara apenas
ser árvore apontando para Deus.

Havia um prenúncio de tragédia,
já na face daqueles que a foram procurar.
Eram homens taciturnos, revoltados,
que a desbarataram apressadamente,
como se o trabalho lhes causasse horror.
Levaram-na para a cidade,
cortaram-na em duas partes,
que negros pregos uniram,
dando a forma de uma cruz.

– Deus do céu! Que aconteceu comigo?
Eu, que desejei apenas ser
um marco amigo,
apontando o teu céu de luz?
Por que me transformaram nesta cruz?

Mas o consolo chegou também ali:
– Espera e verás
o que tenho preparado para ti.
Vieram os soldados,
levantaram a cruz,
e a puseram sobre os ombros
de um homem coroado.
Só que a coroa que ele trazia,
não era de ouro nem de pedrarias:
era de espinhos!

Uma horrível coroa,
que fazia cair
pelos caminhos
o sangue daquele estranho
condenado,
que não blasfemava,
não fugia,
cuja face macerada refulgia,
mesmo sob o sangue e o suor!

Mas havia uma dor maior naquela face,
mais profunda que a dos espinhos,
da carne rasgada pelos açoites,
do peso que fazia tropeçar.
Dor maior, jamais contemplada,
atravessou a cidade,
subiu o monte Calvário,
foi levantada na cruz.

Dor antiga, antes do início do mundo,
erro de todos os homens,
miséria de toda a terra,
ausência do próprio Deus.
Uma dor só entendida quando
o sublime condenado,
erguendo os olhos ao céu
e, como quem rasga a alma,
num grande brado, indagou:
– "Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste?"
E a resposta chegou,
na terra, que escureceu,
nos mortos, que ressurgiram,
no véu do templo rasgado,
na exclamação do soldado:
"...este era o Filho de Deus!"

Naquele instante de treva,
do silêncio mais profundo,
para a árvore fez-se luz.
Ali estava seu sonho

para sempre eternizado:
para perdão dos pecados,
a partir daquele instante,
os homens se voltariam,
como único recurso,
sempre, sempre, para a cruz.
E assim entrou para a história,
com a sorte bela,
inglória,
que dupla missão encerra:
aos homens aponta o céu,
a Deus lembra a dor da terra...

Assim eu, também, Senhor,
gostaria de saber:
Por que foi que vim aqui?
Para dócil obedecer o que traçaste pra mim?
Mas, seja qual for meu destino –
berço, barco, triste cruz –
dá-me a graça, Jesus,
de em tudo compreender
que o importante é teu Plano,
a mim cumpre obedecer.
Seja berço do Menino,
todo hosana, graça e luz;
barco para teus milagres,
seja a vergonha da cruz,
o que importa é teu reino,
a tua glória, Jesus!

CARTA À ÁRVORE

Sammis Reachers

Torre transterna,
Transuterina
Verde malha de açambarcar
Estaca que a vida finca
Patamarizado playground,
Estação clorofila
Biopilar da paz

Terramáter véu
Usina alquímica
A nutrir o sistema-Terra

Obrigado eternamente obrigado
Por alimentar-nos
De proteção e pão
Por verdecer para que não
Ressecássemos
Nós seus vorazes algozes agradecemos
Por nos servir
De berço,
Púlpito
E esquife

Perdoa-nos a nós os desgalhados entes
Nós a raça kamikaze de sem plumas
E sem clorofila

A VOZ DA ÁRVORE

Salomão Jorge

Não me maltrates, porque Deus castiga,
Aquele que me fere é ingrato e impuro;
Sou a macia sombra que te abriga
E o ar que tu respiras, leve e puro.

Sou o albergue do pária nos caminhos,
E como tu, padeço, sonho e penso,
E sou também jardim - jardim suspenso -
Onde se orquestram as canções dos ninhos.

Homem, ao Céu levanta a tua prece
E agradece ao Senhor, clemente e eterno;
Nas longas noites úmidas de inverno,
Sou o calor em que o teu lar se aquece.

Fazer o bem me empolga e me consome,
Ser o teu teto, ser a tua rede,
Ser a linfa que te mitiga a sede,
E ser o fruto que te mata a fome.

Na minha fronde cantam esperanças,
Como pássaros trêfegos, contentes;
Feliz, eu sou a cama em que descansas,
E em que dormem teus filhos inocentes.

Se dos meus frutos ricos te alimentas,
E respiras o odor das minhas flores,
Tantas vezes acalmo as tuas dores,
Sendo o braço das tuas ferramentas.

Procuro distrair-te da tristeza,
E defender-te do tufão que arrasa;
Não te esqueças que sou a tua mesa
E que também sustento a tua casa.

Sou bordão em que, velho, tu te amparas,

Sou o berço dos teus primeiros dias,
E a viola que soluça, em noites claras,
O rimário das tuas fantasias.

Sou o papel, a nobre e eterna ponte,
Que liga o acaso ao fúlgido arrebol;
Jornal, eu levo a vida ao vale e ao monte,
Livro, sou a arte, a ciência, o pão, o sol.

Dei-te do cerne rude do meu peito
Os barcos com que tu singraste os mares;
Sou a imagem do teu ideal perfeito,
Entalhada na cruz dos teus altares.

Se morres, como é igual a nossa sorte;
Eu sou a tua verdadeira amante,
Eu sou o teu caixão, e, fiel, constante,
Parto contigo para a própria morte.

A ÁRVORE

Raul de Roberto

A meditar em ti, árvore, imerso
Na saudade longínqua do passado,
Relembro com ternura o amor disperso
À tua volta e em poemas decantado.

Pois teu valor é imenso no Universo!
– Velho tronco, perfil glorificado;
Tantas vezes florindo em puro verso,
Quantas vezes de amores já cercado!

Brilhas há muito: desde as caravelas!
Pontificas em púlpitos, capelas,
As lições relembrando de Jesus:

Vejo-te nos altares... De alma crente,
Não me esqueço que estás ali presente,
Na incomparável glória de uma cruz!

À SOMBRA DAS ÁRVORES

Paulo Setúbal

Aqui, na solidão destes pinheiros graves,
Eu venho, muita vez, a sós, pela noitinha,
Ouvir a natureza incompreendida, a minha
Amada, a minha amiga, a minha confidente!

Ouvir a natureza! Esse gemer plangente,
Essa apagada voz de surdinas estranhas,
Que vem dos ribeirões, que sobe das montanhas,
E acorda, dentro d'alma, em nossa soledade,
Um místico pungir de mágoa e de saudade.

Ah! cada árvore tem uma íntima linguagem!
Ah! cada árvore tem, fremindo na ramagem,
Uma alma como nós, que nós não vislumbramos,
Mas que vibra no ar e palpita nos ramos...

Já repararam quando as brisas vespertinas
Sopram, como, a gemer, sofrem as casuarinas?
E choram os chorões? soluçam os pinheiros?
Murmuram os ipês e cantam os coqueiros
Quando o vento, a passar, balouça-os palma a palma?
– Homens, reparai bem que as árvores têm alma!
Reparai que à noitinha, à luz do lusco-fusco,
O ruído, os sons, a vida, estacam-se de brusco,
E cada árvore fica imersa num cismar
De quem compreende e sente a dor crepuscular...

Oh! vós que respirais a poeira da cidade,
Vós nunca entendereis a doce suavidade,
A música dorida, a estranha nostalgia,
Que vem da solidão quando desmaia o dia!

Vós nunca entendereis essa rude grandeza,
Essa infinita paz, essa imensa tristeza,
Que sai do coração da mata bruta, quando
Resplandecem no céu os astros palpitando...

É preciso viver longe da turba humana,
Longe do mundo vão, longe da vida insana,
Para sentir, amar, ouvir essa tristeza,
Que exala, ao pôr do sol, a maga natureza!

Ah! Quanta vez, eu fico a sós, pela noitinha,
Ouvindo a natureza, a inspiradora minha!
Ouvindo o pinheiral com seu gemer infindo,
Ouvindo a noite, ouvindo as árvores, ouvindo
Os ventos, e na volta exígua duma curva,
Ouvindo o ribeirão de correnteza turva,
Que vai, soturno, uivando o estrépito das águas,
Consigo rebramando incompreendidas mágoas...

E assim, no ermo da tarde, escutando, enlevado,
Esse vago murmúrio, esse rumor sagrado,
Eu quedo-me a cismar num êxtase de crente,
Como se eu estivesse a ouvir, confusamente,
A própria voz de Deus ecoar na solidão,
Povoar a natureza e encher meu coração...

A MINHA MÃE

Paschoal Carlos Magno

A tua sombra é doce e comovida,
O teu destino de árvore tonteia...
A tua vida, que mais linda vida?
Toda de pássaros e ninhos cheia...

A sombra deu a tantos acolhida,
A árvore tudo dando pouco anseia:
Cada vez mais cansada e envelhecida,
A ramaria para o chão arqueia...

Mas quando o vento vem rodopiando,
A árvore, cuja sombra é boa e doce,
Abre os braços em súplica, chorando.

Choro de folhas! Alma dos caminhos...
Enche todos os céus como se fosse
Choro de mãe para embalar os ninhos...

PRIMAVERA

Lélio Graça

Árvore amiga
Toda enfeitada
E ornamentada
Qual dama antiga:

Teu ramo abriga
Doce morada;
A passarada
Feliz que o diga.

À sombra amiga
Dessa ramada,
A alma cansada
Seu mal mitiga.

Doce cantiga
Sincronizada
Desde a alvorada
Teu seio abriga.

Árvore amiga,
Verde, esgalhada,
Toda ensombrada,
Deus te bendiga!

II

Árvore linda e querida,
Ramos abertos em prece,
Quando te vejo florida,
Meu coração refloresce.

Árvore – emblema da vida –
Teu verde jamais fenece,
E à tua sombra querida
Todo o mal desaparece.

Árvore verde e querida,
Toda sombra, toda amor;
Quem te plantou nesta vida
Foi Jesus, Nosso Senhor!

TERRA E CÉU (CÂNTICO DA ÁRVORE)

J. E. Prado Kelly

Árvore, alteando a fronde augusta, o firmamento
Atinjo. Na variada harmonia, que encerra
Sons de avenas de paz ou de clarins de guerra,
Ouço em todo o clamor, em pleno azul, o vento.

Desço em raiz ao chão. E, no esforço violento
De perscrutar o solo e a altura, o vale e a serra,
Compreendo, em todo o ardor, a pujança da terra
– Seiva forte, vigor altriz, seio opulento.

Quando galhos prolongo, entendo o meu destino
– Grande ideal e céu amplo e beleza profunda;
E, quando volvo ao chão, no prazer, que me enleva,

Sinto, enquanto se extingue o meu sonho divino,
Toda a humana paixão, cheia de mal, fecunda
De glória e opróbrio, sombra e chama, luz e treva.

SÚPLICA DA ÁRVORE

Alceu Maynard de Araújo

Bem nesta campina
– oh se me lembro! –
neste remanso, há anos,
na primavera, em setembro,
tudo era lindo.
Aqui, uma solitária restinga
e árvores, flores e relva
no manto que cobria
a minha Piratininga.

Passaram-se anos e anos.
Da terra virgem, morena
– índia moça, de candura –
O homem rasgou-lhe as entranhas;
brotaram arranha-céus.
Onde existiam fofos capins,
ipês de cabeleiras douradas,
palmeira esguia e sozinha,
altivas guaricangas, guabirobas,

pitangas encarnadas
biris floridos
vestindo de branco as várzeas,
bela e pura açucena,
encontram-se camadas estranhas:
o macadame – esteira dura –
de negras massas coloridas
cobrindo vielas e avenidas.

Ó paulista! Pela tua fé ingente
e perseverante labuta
tudo no Planalto foi mudado.
Da árvore por ti arrancada
sem dó nem piedade
– embora tenhas plantado
a mais ciclópica cidade

do Amazônico Continente,
a súplica escuta:
– não quero que o progresso
seja meu eterno verdugo.
Se queres conforto para a família,
fazer de meu ser mobília;
sendo o amigo calado e terso,
sou as tábuas de teu berço;
aparece a locomotiva
para a fornalha ingresso
como ígneo alimento.
Sou o papel que da rotativa
saio levando as notícias;
sou a carta de carícias
que as lágrimas de saudade enxugo.

Para existir o comércio
a sorte tenho
de ser barca, leve lenho
que leva e traz as mercadorias
sobre as moles equórias;
se te enchafurdas na guerra medonha,
fazes-me de tuas armas a coronha;
se queres o calor nos dias de frio,
sou o fogo da lareira;
sou também o esquife mortuário
que te acompanha solitário
na jornada derradeira.

Mas, ó homem perverso!
Deixa-me ser tua companheira,
deixa-me viver no teu arranha-céu
agarrada à parede úmida
vivendo da sorte ao léu
qual verde musgo,
que da poesia verde
da verde Natura
é o primeiro verso!

O CARVÃO

Geraldo Costa Alves

Passam os caminhões negros,
Carregados de carvão...
Os arames encruzados
Alteiam as carrocerias.
De longe vêm, pra longe vão,
Correndo pelas baixadas,
Roncando pelas subidas,
Balançando pelas curvas...

Passam os caminhões negros,
Carregados de carvão...
Lá vai a seiva da Pátria!...
Ficam atrás as queimadas:
Troncos a arder, árvores mortas
A cinza cobrindo o chão...
Com a chuva, a enxurrada;
Com a seca, a desolação.

Passam os caminhões negros,
Carregados de carvão...
Vão dar calor às usinas.
Nos fornos de combustão,
Serão brasa, serão sangue
Os pedaços de carvão...
No alto das chaminés,
Fumaça negra serão.

Passam os caminhões negros,
Carregados de carvão...
No entanto, cataratas tombam,
Noite e dia, no sertão,
“Arcos-Íris”, “Véus de noiva” –
Que lindos nomes terão,
Pra alimentar o lirismo
Dum povo, duma nação.

Passam os caminhões negros,
Carregados de carvão...
Pelas estradas poentas,
De mais distante virão,
Nesta Pátria sofredora
Em que as riquezas se vão.
Passam os caminhões negros,
Carregados de carvão...

A SOLIDÃO ERA ETERNA

Juan Ramón Jiménez

A solidão era eterna
e o silêncio inacabável.
Detive-me com uma árvore
e ouvi falar as árvores.

ISTO É SIMPLES

Pablo Neruda

Muda é a força (me dizem as árvores)
e a profundidade (me dizem as raízes)
e a pureza (me diz o trigo).

Nenhuma árvore me disse:
“Sou mais alta que todas”.

Nenhuma raiz me disse:
“Eu venho de mais fundo”.

E nunca o pão me disse:
“Não há nada como o pão”.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Francisco Carlos Machado

Todas as crianças penduradas
Nos galhos da árvore centenária.
A mais bela árvore do topo da montanha.

Falas, risos, piquenique.
As crianças em volta bem felizes,
Sentindo a brisa do rio monge.

E ao longe, preservadas nossas matas.
Verdes sempre os montes.
Reminiscências aventuradas de uma infância.

NÓS É QUE DEVERÍAMOS

Nicolas Behr

nós é que deveríamos
nos curvar em reverência

nós é que deveríamos
ter casca para te proteger

nós é que deveríamos
escrever poemas para ti

nós é que deveríamos
ser o verde da tua clorofila

nós é que deveríamos respirar por ti
ser teu pulmão esquerdo

nós é que deveríamos te dar sombra

nós é que deveríamos
ser a árvore dos teus desejos

nós é que deveríamos
nos plantar aos teus pés

nós é que deveríamos
ser o teu solo, tua terra prometida

nós é que deveríamos nos cortar
em sacrifício, te aquecer

nós é que deveríamos
embelezar tuas florestas

nós é que deveríamos ser para ti
a árvore da vida

A PRIMEIRA ÁRVORE

Hermes Fontes

Uma invisível mão tomou de humilde seixo
e, polindo-o, apurando-o, iluminando-o todo,
inseriu-lhe, à feição de núcleo interno, ou de eixo,
um raiozinho de alma a eximi-lo do lodo.

E, para vegetar, o seixo, iluminado
por esse átomo de alma, – a um milagre feliz –
foi caroço, e imergiu nos terrenos de um prado,
afim de, sob o solo, alongar-se em raiz.

Pôr sob a terra, a um Ser – é condená-lo à morte;
mas, a um grão – é, talvez, encaminhá-lo à vida…
O caroço, dest'arte, animizado e forte,
germinou, irrompeu, fez-se árvore florida.

E a árvore produziu, multiplicou-se aos centos…
Foi floresta – foi sombra, agasalho, mansão.
Deu aos pássaros – ninho, afagos e alimentos,
que raros seios têm e raros leitos dão…

E vive. E morre. Inspira e transpira. Ama e luta.
Se se locomovesse a além do seu canteiro,
seria uma existência anímica absoluta,
seria um animal completo e verdadeiro.

Vive e morre. Ama e odeia. Às vezes, reflexiona.
E braceja e agoniza, ao vento e à luz solar!…
– Síntese vegetal da Flora e de Pomona,
– Livro em que a Terra ensina os corações a amar…

Folhas, folhas ao sol, douradas e orvalhadas,
brilham tanto, que, só de sob os olhos tê-las,
árvores, são lampiões das sombrias estradas,
são árvores de sóis, são árvores de estrelas…

À distância, de tão arredondadas, cheias

de lianas e florões, a oscilar, a oscilar,
são aeróstatos quase a romper as cadeias,
prontos para partir às aventuras do ar…

À luz do pôr do sol, – longes silhuetas, – elas
são naves a boiar no horizonte ermo e baço…
– Desarvoradas naus, desorientadas velas,
navegando no tempo e encalhadas no espaço.

Uma folha é um banquete, é uma mesa ampla e farta
posta à abelha, à formiga, ao inseto, em geral.
É concha, onde se asila a mísera lagarta,
alcova, onde se mira a cigarra estival.

A terra já foi mar; é um mar petrificado,
comburido de sol, congelado de frio.
E, consoante esse mar, que existiu no Passado,
– no mar verde da Flora – uma árvore é um navio…

Uma árvore é um navio… As folhas são bandeiras
verdes e naturais; as trepadeiras são
cordas de pavilhões, cordas alvissareiras…
Por âncora – a raiz jaz debaixo do chão…

Árvore! ao nosso ouvido é intimamente grato
ouvir os madrigais dos teus ninhos hirsutos.
Teus perfumes nos dão delícias ao olfato,
gostos ao paladar – teus deliciosos frutos.

E não és só o espinho, a flor, a folha, o galho:
quem penetra à raiz o segredo interior,
louva em ti a Modéstia, ama em ti o Trabalho!
És a Dedicação, o Sacrifício, o Amor…

A QUEDA DO JACARANDÁ

Leopoldo Braga

Ereto e secular, o tronco não lhe oscila
Às raivas do tufão. Gigante da floresta,
Em seus ramos, cantando, o passaredo, em festa,
Enche de alegres tons a mata erma e tranquila.

Se a inclemência do sol dos trópicos lhe cresta
Da fronde colossal a verde clorofila,
Uma folhagem nova e densa vem vesti-la
Da cor que aos vegetais a primavera empresta.

Ei-lo, – o jacarandá! Um dia, longo, afiado
Fere-lhe a espessa crosta, entra-lhe a fundo o cerne,
Impiedoso e brutal, o gume de um machado.

Em vão, resiste o herói à mão que o fere, ingrata,
E, sem que a raiva expanda ou a rude dor externe,
Rijo, rangendo, rui, no remanso da mata!

O IPÊ

Manoel Penna

Agosto. Qual sudário branco e denso
O fumo – alma dos matos devastados
Pelos terríveis gumes dos machados –
Envolve tudo num funéreo lenço.

Do plúmbeo céu, o sol, dum rubro intenso,
Vai queimando jardins, hortas e prados
E matando, de febre, homens e gados
Com seu bafo escaldante, atroz, imenso...

Reina por toda a parte a dor, o luto
E paga a natureza o seu tributo
Co’a miséria que a seca recrudesce.

E em meio de toda essa átra agonia
Como uma torpe e pérfida ironia
– Todo coberto de ouro o ipê floresce.

IPÊ

Da Costa e Silva

– Ouro em flor! Flores de ouro! Áureas flores de mel!
Quem já viu ouro em flor?!... E o alegre enxame louro
De abelhas, a esvoaçar em torno às flores de ouro,
Voa e revoa no ar, numa roda revel...

Flores de ouro! Ouro em flor! Gênios leves de Ariel,
Aéreos, no aéreo azul, vindo cantar em coro
As canções do perfume ao vegetal tesouro

Que ostenta, à luz do sol, áureo e flóreo docel!...
No sopé da montanha, altivo e soberano
Ei-lo, o dourado ipê, como um rei oriental
Abrindo o seu tesouro à luz, glorioso e ufano...

Ei-lo orgulhoso assim, como quem, afinal,
Vem à vida mostrar, florindo de ano em ano,
A áurea riqueza em flor do reino vegetal!

IPÊ-ROSA

Lúcia Fadigas

Belo ipê-rosa na colina impera...
É árvore fidalga e donairosa,
que se embelece na estação radiosa,
cobrindo-se de flor na primavera...

Mas, quando vem o outono, ela, saudosa
de seus enfeites, geme e se exaspera,
pois todo o colorido que tivera
é, agora, uma lembrança cor-de-rosa...

Também nossa alma se embelece em criança,
de uma viçosa copa de esperança,
sem prever, nessa vida, o desencanto.

Mas vem chegando o outono, indiferente...
E em nossos lábios resta, tão-somente,
o gosto amargo que nos vem do pranto.

PAU D’ARCO

Menotti Del Picchia

Na serra, a fronte heril, coroada a flores de ouro,
Ereto, a linha nobre, o porte aristocrata,
O pau d’arco semelha um rei soberbo e louro,
De sobre o trono a olhar as províncias da mata.

Faz-lhe de manto régio, à noite, o luar de prata,
Ao meio dia, a luz do sol imorredouro...
E lhe enche o amplo dossel da ramaria grata
O hino nacional dos pássaros em coro!

Para que seja um rei, nada lhe falta, em suma:
Muitas léguas de terra o seu domínio abrange...
E a seus pés, noite e dia, em vigília se apruma,

Guardando-o em calma eterna e em muda vassalagem,
– Das árvores, em roda, a sombria falange;
– Dos arbustos, em fila, o exército selvagem!

O BAMBUAL

Ana Amélia

A brisa passa e o bambual murmura...
Porém tão mansamente que parece
um gemido, uma súplica, uma prece,
esse murmúrio cheio de ternura.

Subitamente a brisa em vento cresce.
Tolda-se o céu, um raio já fulgura.
Então o bambual ruge, em tortura;
a chuva torrencial sobre ele desce.

Enroscam-se os bambus convulsamente,
varrendo o chão ao peso da torrente.
Enorme vegetal! Domado agora,

tem os uivos de dor de um leão ferido;
mas eu leio, através do teu rugido,
que tens um coração que pulsa e chora.

O JUAZEIRO

José Firmo

Num desafio à cólera do vento,
à inclemência do sol, aos temporais,
ergue o juazeiro a fronde em movimento,
na ostentação das flores aromais.

Escalda a terra o sol do firmamento,
perdem folha por folha os matagais;
mas o juazeiro, heril, corno um portento,
mostra, virente, os ramos colossais.

Sob a fornalha do sertão ardente,
ele é, de tantas árvores, somente,
a que conserva a copa revestida.

Estanca as fontes d'água a seca infinda,
mas o juazeiro ostenta, em toda a vida,
o verde-louro da folhagem linda!

A PAINEIRA DA FAZENDA

José Osvaldo de Araujo

Quando abril punha o pé florido na colina,
a paineira tomava o xale cor-de-rosa
e ficava a sorrir, imponente e garbosa,
com vaidades de moça e graça de menina.

Mas, em setembro, abria os casulos, ditosa,
e o vento lhe espalhava os flocos na campina...
Vinham, então, colher com zelo a paina fina
para a cama de alguém, que era alegre e formosa.

Ora, uma noite, ao luar, sentado no terreiro
da fazenda, depois de finda a rude faina,
cismava apaixonado um moreno campeiro...

E dizia baixinho, a chorar de emoção:
— “Quem me dera que eu fosse a almofada de paina,
para ouvir o que sonha a filha do patrão!...”

PITANGUEIRA

Palmira Wanderley

Termina Agosto... A pitangueira flora...
A umbela verde cobre-se de alvura;
e, antes que de Setembro finde a aurora,
enrubesce a pitanga... Está madura.

Da flor, o fruto é de esmeralda, agora...
Num topázio, depois, se transfigura,
e, pouco a pouco, um sol de estio a cora,
dando a cor dos rubis à carnadura.

A pele é fina, a carne é veludosa,
vermelha como o sangue, perfumosa
como se humana a sua carne fosse...

Do fruto, às vezes, roxo como o aspargo,
a polpa tem um travo doce-amargo,
— o sabor da Saudade, amargo e doce...

JEQUITIBÁ

Ricardo Gonçalves

Nesta chapada verde em que teu vulto impera,
hoje de cada moita uma voz se levanta
para cantar a vida; e a vida em cada planta,
a vida em cada arbusto, esplêndida, exubera.

Porém, tu já morreste. Em vão, a primavera
volta e, para saudá-la, a natureza canta.
Que importa se teu vulto a passarada espanta!
Que importa, velho rei, se o machado te espera?!

Morreste! Nunca mais, como nos tempos idos,
verás na primavera os teus galhos floridos,
terás, como tiveste, arvoredo copado.

E tu já foste rei de uma antiga floresta,
e hoje, inválido e só, nem ao menos te resta
um sabiá que te cante as canções do passado...

A BARAÚNA

Ulisses Lins de Albuquerque

Rainha, na arrogância real do porte,
A fronte verde estende... Mas, um dia,
A volúpia do raio traz-lhe a morte
Num beijo, e abate-a, em fúria, a ventania.

Robusta, senhoril, zomba do corte
Do machado. E ao tombar, na erma e bravia
Caatinga, ouve-se ao longe o ruído forte,
A ressoar nos desvãos da serrania.

E, homem mau! Se golpeias inclemente
O tronco negro da árvore imponente
– Belo exemplar da nossa flora agreste.

Não te apercebes que ela é a imagem viva
Da resistência da alma primitiva
Dos Centauros e Atlantes do Nordeste!

CAJUEIROS DE SETEMBRO

Joaquim Cardoso

Cajueiros de setembro,
Cobertos de folhas cor de vinho,
Anunciadores simples de estios
Que as dúvidas e as mágoas aliviam
Àqueles que, como eu, vivem sozinhos.

As praias e as nuvens e as velas de barcaças
Que vão seguindo, além, rumos marinhos,
Fazem com que por tudo se vislumbrem
Luminosos domingos em setembro,
Cajueiros de folhas cor de vinho.

Presságio, amor de noites perfumadas,
Cheias de lua, de promessas e carinhos,
Vivas canções serenas e distantes,
Debruçados à beira dos caminhos.

UMBÚS

Jorge Jobim

Umbús que demorais nos meus campos nativos,
Atalaias senis das planuras escampas,
Vós vos me afigurais assim tão pensativos,
Gênios a meditar nos silêncios dos pampas.

Gênios da minha terra, ó gênios sedentários
Ermos, quando o sol cai, quando não sopra o vento,
Vós trazeis-me à lembrança os grandes solitários
Na soberba sem par do seu isolamento.

Só a só com a saudade, através da distância,
Como que inda vos vejo, altaneiros e ufanos,
Pelas tardes do Sul, nessa formosa estância,
Onde passei feliz os meus primeiros anos.

Quanta vez escutei entre ingênuos descantes,
Do gaúcho crendeiro as histórias tremendas,
Cujo entrecho sinistro e cenas lancinantes
Tecia sobre nós o espírito das lendas.

À brisa balouçando a alta copa frondosa,
Junto aos podres frechais de casas desvigadas,
Sois como a alma do lar que ali ficou, saudosa,
Tristemente velando as taperas ermadas!

Quando o sul ainda estava aos guaranis sujeito,
E o seu solo ubertoso as tribos palmilhavam,
Morto um deles acaso, em derradeiro preito,
Um solitário umbú no túmulo plantavam.

E este, aprumado ao pé da argilosa igaçaba,
Onde o guerreiro jaz no eterno sono absorto,
Ao vento a ramalhar, como um pajé da taba,
Resmoneava orações pelo selvagem morto.

Por isso é que gemeis noturnas cantilenas,

Umbús de altivo porte e de troncos gigantes,
Junto a cujo sopé tantas virgens morenas
Foram, tristes, chorar os esbeltos amantes.

Sinto dentro de mim se desfolharem rosas,
Quando, do pôr do sol às derradeiras brasas,
Pontilhais o horizonte, em horas silenciosas,
Com a nostalgia ideal das vozes e das asas...

Umbús que demorais nos meus campos nativos,
Atalaias senis das planuras escampas,
Possa eu ainda vos ver, ermos e pensativos,
Pelas tardes do Sul, ó meus irmãos dos pampas!

OS PINHEIRAIS

Rodrigo Júnior

Quantos pinheiros por esta serra!
Encontro-os sempre, onde quer que vá.
Há um tão alto, alto que aterra!
Outro pequeno, tão verde lá...

Longe do mundo, do mal, da guerra
Viver com eles, que bom será!
Oh! Os pinheiros da minha terra,
Lindos pinheiros do Paraná!...

E quando emigram as andorinhas
No mês de maio, mês de novena,
É um gosto vê-los cheios de pinhas:

Baixinho, ao vento, canta, os ais,
E que doçura nesta serena
Música etérea dos pinheirais!...

O MÁRTIR DA FLORESTA

Reynaldo Steudel

O pinheiro gigante e bom, que a mata ensombra
Vive a espalhar o bem, altivo e resoluto.
E ao homem, que é um ser rude, implacável e bruto,
Com mil benesses paga a ingratidão que assombra.

Filtra e perfuma o ar sem exigir tributo;
Da grama dos seus pés na maciez de alfombra
Oferece o frescor gentil de sua sombra,
E ainda lhe dá, por prêmio, o sabor do seu fruto.

Tudo o homem aproveita e, após, insaciado,
Vai cortar ele vibrando o gume do machado,
E ao solo inerte o deita e o esquarteja, ferino.

E ainda o mártir, golpeado, uma virtude conta:
Em vez de se vingar da padecida afronta,
Dá o conforto de um teto ao seu próprio assassino!

PINHEIRO MORTO

Emilio de Menezes

Nasceste onde eu nasci. Creio que ao mesmo dia
Vimos a luz do sol, meu glorioso irmão gêmeo!
Vi-te a ascensão do tronco e a ansiedade que havia
De seres o maior do verdejante grêmio.

Nunca temeste o raio e eu como que te ouvia
Murmurar, ao guaiar da fronde, ao vento: - Teme-o
Somente o fraco arbusto! A rija ventania,
Temê-a somente o errante e desnudado boêmio!

Meu vulto senhorial queda-se firme. Embala-mo
O tufão e hei de tê-lo eternamente ereto!
Resisto ao furacão quando a aura abate o cálamo!...

Ouve-me agora a mim que, em vez de ti vegeto:
Já que em ti não pensei, entre os fulcros de um tálamo
Faze-te abrigo meu nas entraves de um teto.

A CASUARINA

Presciliana Duarte de Almeida

Esguia e rumorejante
A ramalhar na amplidão,
Com seu gemer soluçante
Parece ter coração!

E quando, por noite escura,
Brilham estrelas no céu,
Ela fica pela altura
Como da terra um troféu!

Gosto de ouvi-la cantando
Numa noite de luar,
Enquanto o vento é doce e brando
Como um leve suspirar...

E é tão bela enfurecida,
Em horas de tempestade,
A recurvar-se pendida
Mas sempre com majestade!

E quando o tufão bravio
Sibila como um açoite,
O seu farfalhar sombrio
Assusta o sono da Noite!

E como uma alma valente
Contra os rigores da sorte,
É altaneira, mas sente;
Tem carinhos, mas é forte!

O CEDRO

Aristeu Seixas

Tênue raiz – brotaste, foste arbusto.
Cresceste e, a sombra projetando em torno,
De frágil planta – delicado adorno –
És hoje um cedro na amplidão vetusto.

É sobre ti que o pássaro em retorno
Pousa tranquilo vendo-te robusto;
E vês o que não vias, cedro augusto,
Antigamente num sossego morno.

Mas, quando agora o sopro das procelas
Açoita e agita as tuas ramarias
Espantando-te as aves tagarelas,

Hás de querer voltar àqueles dias
Em que eras planta pequenina, àquelas
Doces plagas de amor em que vivias!

AOS CHORÕES (SALGUEIROS)

Augusto Meyer

Chorões da praia de Belas,
Molhando as folhas no rio.
Sois pescadores de estrelas
Ao crepúsculo tardio.

O mais velhinho, já torto
Ao peso de tantas mágoas
Lembra um pensamento absorto
Debruçado sobre as águas.

Salgueiros trêmulos, belos,
Meus camaradas tão bons,
Diz o poeta, violoncelos
Onde o vento acorda sons.

Sois, à beira da enseada,
Um bando de poetas boêmios,
E fitais na água espelhada
Vossos companheiros gêmeos...

Mas, se alguma brisa agita
A copa descabelada,
Ondula, salta, palpita
Vossa imagem assustada...

A MANGUEIRA

Padre Corrêa D'Almeida

Nesta imensa floresta brasileira
Árvores há tão rijas que nem ossos,
E algum pé tão alto é, sendo tão grosso,
Que fornece abundâncias de madeira.

Por exceção feliz e verdadeira
Escapa às construções e a seu destroço,
O tortuoso tronco, toro ou troço
Da mui formosa e umbrífera mangueira:

Se acha acerto em toda a natureza
O sábio de experiente madureza,
Que as leis invioláveis lhe perscruta,

Desista o marceneiro do trabalho
De alisar da mangueira qualquer galho,
E prefira chupar-lhe a doce fruta.

CARNAUBEIRA

Tércio Rosado Maia

A silhueta nervosa, esgalga e fina
Do teu corpinho airoso e namorado,
O estipe esguio, para os céus lançado,
Da carnaubeira evoca-me à retina.

Nas várzeas, do Nordeste que domina,
Crescendo sobre o negro descampado
Alteia a carnaubeira o colo ousado,
Varando a atmosfera cristalina.

Do sol a pino os raios ofuscantes,
Que enchem o varjal de lagos espelhantes
Afronta, majestosa, singular.

A fronde escura é aberta ventarola,
Que o rijo Aracati beijando esfrola
Os trêmulos flabelos a trissar.

SERINGUEIRA

Pereira da Silva

Lá, na tessitura da floresta primitiva,
Onde os olhos de Deus chegam já tão cansados,
A seringueira é a dadivosa mãe caritativa
Dos flagelados,
Dos desesperados
Bandeirantes da fome e da desgraça.

Vede, como é humana! Vede!
Lá está, oferecendo os seios fartos a quem passa,
Maltrapilha e sem nome,
Pela estrada.
– Ela dá de comer a quem tem fome!
– Ela dá de beber a quem tem sede!

Há de ter alma e coração como as mulheres boas
E fecundas. Mães carinhosas
Que amamentaram muitos filhos pequeninos.
E as outras árvores, na mata perfumada,
Devem beijar a frança a trifólia benfazeja,
Linda e seivosa irmã das casteloas...

Aos primeiros rubores matutinos
Quando às protofonias de mil vozes
Ferozes,
Sucedem os pizzicatos saltitantes
Dos descantes
Dos pássaros despertos,
A hévea, de folhas alternas, pecioladas,
Digitadas, trifoliadas,
Que a luz equatorial abraça, e afaga, e beija,
Ouve o rumor de passos vigorosos. E escuta.

Anda alguém a tatear nos caminhos incertos
Da mata bruta.

– Quem virá?

– Quem será?

É o seringueiro! É o homem moreno, caldeado
Pelo sol nordestino,
– Misto de trovador e de herói espartano –
Que sofre, dentro da selva, a nostalgia das caatingas.
E contemplando a bruteza dos rios
tem saudade dos “verdes mares bravios”
De sua terra. É o seringueiro,
Que vem chegando para o “corte”,
Vencendo o varadouro emaranhado,
Depois de atravessar igapós e restingas.
Uma faca de mato, um rifle, um machadinho,
Os músculos de aço, o peito forte,
O olhar ligeiro,
Ei-lo que vem trauteando,
De mansinho,
Uma cantiga langorosa do sertão.

E a Árvore-Mãe, então, recebe-o, transfigurada,
Para a glória sensual da martirização.
E abençoa o verdugo seringueiro
Com a mais seráficas das beatitudes.

Ao clarear a manhã, soberbamente nua,
Santamente serena,
Cheia da piedade nazarena do perdão,
A cada golpe do machadinho certeiro,
A Árvore-deusa do país verdacho dos paludes,
Há de dizer sorrindo,
E de sorrir gemendo
E de gemer cantando:

“Homem! Leva meu leite! A minha seiva é tua!
Ela não vale por uma gota da saudade
Que heroicamente andas carpindo,
Na bruteza cruel destas matas, correndo,
Contra as rudes caudais desses rios, lutando!
Leva a minha vida! é o que te posso dar:
– Meu sangue brancacento, minha saúde e mocidade.

Quero que volte a elegria
À tia face!
E que a fortuna te sorria!
E que a felicidade não seja um bem fugace
No teu lar!...

Fere! E que cada ferida, santificada
Pelo líquido nevado vindo de minhas entranhas,
Seja o manancial da ventura sonhada,
A fonte genetriz das sensações estranhas
Que agitam os teus sentidos,
Na hora angustiada
Dos desalentos, das febres, nos horrores
Do teu abandono
Num pobre tapiri, onde as tristezas e pavores
Povoam de fantasmas o teu sono!...

Fere! E que nunca mais os teus gemidos
Sejam ouvidos!
Que as tigelinhas embutidas no meu tronco fiquem cheias
Do ouro latescente que jorra de minhas veias,
E que, afinal, de tão cheias, transbordem!"

"Oh! Quanto sou feliz, meu filho! – pela alegria
De ver-te a dominar a fereza, a desordem
Hidroflorificada destas zonas,
Onde a brutalidade das coisas circundantes
É um heptacórdio selvagem de beleza e de poesia!..."

... E o rei dos bandeirantes,
O homem moreno e caldeado pelo sol nordestino,
Domador dos sertões palustres do Amazonas,
Vai cortando,
Vai golpeando
A miraculosa seringueira abnegada,
A Árvore-Mulher martirizada,
Que se entrega para o gozo sofrer, todo o verão,
O seu fadário, o sacrifício muito humano
De ser lanceada

Pelo bem
De alguém.

... E o seringueiro vai pela estrada torcicoleante,
Com a esperança dançando dentro da alma,
E o balde cheio de leite... De ouro!
Vai sonhando com a fortuna. A baixada
Próxima. O retorno à gleba nativa. A vida calma
Do sertão,
Onde ficou, soluçando, uma velhinha de cabelos de prata.
Na face albicremada do látex, a miragem.

E o seringueiro, alucinado, crê.

Na crepitação das chamas
De seu sonho, há o fascínio de um tesouro
Encontrado na selva e a linda imagem
Da felicidade perdida lhe acenando!

Mas, oh! desilusão de uma crença insensata!
Tudo afinal é a trama, o engano ledo
De um bruxedo
Da Mãe-da-Mata.

A SERINGUEIRA

Severino Silva

Um dia, com o teu leite amamentaste o mundo.
E um dia, atropelando o teu solo fecundo,
Entrando o coração da selva hospitaleira,
Sábios, poetas, heróis, párias sem nome,
Celebraram teu culto, Seringueira.

Deste-nos com o teu leite a Pátria bela e forte,
Gloriosa entre irmãs do Continente,
Formosa no concerto universal.
A seiva do Brasil palpitava no Norte,
Crepitava no céu, na gleba quente
Deste opulento Pindorama tropical.

O homem simples e bravo do Nordeste,
A que a fome exilou da terra ingrata,
Batendo-o inexorável e cruel,
Foste tu que atraíste e recolheste
Na verdejante Canaã da mata,
De cujos flancos manam leite e mel.

Ei-lo, titã da serra e da campina,
Enrijado na faina da lavoura;
Centauro rude a conduzir rebanhos
Por grotas, entre espinhos e cipós.
Ei-lo, remando a igarité franzina,
Sem medo à boiaçu devoradora,
E a enfrentar bichos maus, répteis estranhos
No tijuco letal dos igapós.

Ei-lo a investir perigos e mistérios,
Num constante sonhar e laborar,
Desatento aos eflúvios deletérios
Da água, da terra, da floresta e do ar.

Tu não tremeste ao golpe do seu braço.
Próvida e rica, maternal e amante,

Amaste e encorajaste o Seringueiro
Com a sedução do leite benfeitor.
Impávido, indomável, sem cansaço,
O Seringueiro, irmão do Bandeirante,
Foi, no bárbaro solo brasileiro,
O construtor e o civilizador.

De ti ganhando o pão, o pão e a glória,
Estoico na renúncia e no valor,
Foi ele a mão que abriu em nossa história
Um ciclo de amargura e de esplendor.

Naqueles claros, luminosos dias
De prodigalidades e alegrias,
Pompeaste, Seringueira, o brasílio porvir,
A Amazônia, opulenta, rica e bela,
Cortada pelas naus de Tharsis e de Ofir,
Era o Pactolo, na Manoa do Eldorado
Enchia o céu e a terra o verbo de Tupã,
Clamando à terra e ao céu, maravilhado,
O sortilégio do muiraquitã
E a civilização da caravela.

Com o teu leite ostentaste um Brasil moço e forte,
Soberbo e varonil no Continente,
Varonil no concerto das nações.
Mas vieram homens maus, tramaram tua morte,
Traiçoeiramente, insidiosamente,
Como vândalos, brutos e vilões.

Hoje, debalde mostras o teu peito,
Apojado do leite generoso,
Que, um dia, no Brasil, foi fartura e poder.
O teu leite envelhece no teu peito...
E esse leite pródigo, precioso
Andam a desdenhar e envilecer...
Se à grandeza e à aflição dos teus reclamos,
Zombam da pobre mártir, que hoje és tu;
Se nem mesmo os que vês junto de ti,
Nem mesmo os teus entendem o que dizes;

– Escuta: – ainda bailam nos teus ramos
O enleio musical do irapuru
E a boêmia triste do jurutaí,
A chorar seus amores infelizes.

Se em tua dor de abandonada e triste
É debalde que anseias ver de novo
O paraíso, que se fez inferno,
A alvorada, depois da noite má,
És feliz do que foste e produziste

Para a beleza e glória do teu povo...
Que este povo é uma flor de viço eterno,
Sol cuja luz nunca se apagará.

SONETO XXVIII

Joachim Du Bellay

Quem viu alguma vez um grande carvalho seco,
Que como adorno algum troféu comporta,
Erguer ainda ao céu a sua velha cabeça morta,
Cujo pé não está firmemente em terra fixado,
Mas que, sobre o campo mais do que meio inclinado,
Mostra os seus braços todos nus e a sua raiz torta,
E, sem folhas que dê sombra, o seu peso suporta
Sobre um tronco nodoso em cem sítios podado;
E, se bem que ao primeiro vento ele deva a sua ruína,
E muito jovem, à sua volta tivesse firme a raiz,
Pelo popular devoto ser o único venerado:
Quem tal carvalho pôde ver, que ele imagine ainda
Como entre os citados, que mais florescem agora,
Este velho símbolo empoeirado é o mais reverenciado.

A UM CARVALHO

Miguel Torga

Forte como um destino,
Calmo como um pastor,
A sarça ardente é quando o sol, a pino,
O inunda de seiva e de calor.

Barbas, rugas e veias
De gigante.
Mas, sobretudo, braços!
Longos e negros desmedidos traços,
Gestos solenes duma fé constante...

PALMEIRAS

Paul Éluard
Trad. de Manuel Bandeira

As árvores a copa orvalhada de sol
Retas. Dou ao meu sol a seiva evaporada.
O sol repousa sobre o mármore das folhas
Como a água do mar no fundo adormecido.

O céu é de um só bloco a terra é vertical
E as sombras das árvores continuam as árvores.

AS FLORES DO JACARANDÁ

Matilde Rosa Araújo

O jacarandá florido
Brando cantar trazia
Branda a viola da noite
Branda a flauta do dia

O Jacarandá florido
Brando cantar trazia
O vinho doce da noite
A água clara do dia

Quem o olhava bebia
Quem o olhava escutava
O jacarandá florido
Que o silêncio cantava

O FREIXO

Vitorino Nemésio

Alto freixo redondo apazigua
Entre verdes pinhais a minha aldeia,
E, toucado de pássaros, à lua,
Parece uma mulher que se penteia.

Pede-lhe o vento norte segurança,
Toca-lhe o pé água de fresco poço;
Eu, tornado a meus olhos de criança,
Em seu casto perfil me sinto moço.

Seus ramos vejo como via os anjos
Que à vida me trouxeram pequenino.
Ó imaginação, que altos arranjos

Fazes às coisas simples transtornadas:
Vinhas em flor, um breve freixo fino,
Cães, colmeias sem mel, águas passadas!

MAGNÓLIA

Cassiano Ricardo

Ao cheiro vivo da árvore, dourada
Abelha zumbe; ao sol que a selva ofusca,
Desde o primeiro beijo da alvorada,
Dos seus ramos em flor o pólen busca...

E é de se ouvir, na grimpa perfumada,
Dos zéfiros azuis a leva brusca,
Na embriaguez da fronde auri-bordada,
A encher de eflúvio a tarde que corusca.

Ao sussurro das cítaras eóleas,
Louros enxames ávidos parece
Que estão sorvendo a vida das magnólias:

Em cada flor uma asa de ouro assoma,
Uma abelha precípite enlouquece,
Ou morre um silfo, bêbedo de aroma...

PAINEIRA VELHA

Júlia e Afonso Lopes de Almeida

Paineira velha, antes de o serdes,
Tivestes frágeis folhas verdes,
Um débil tronco e ramos finos.
Não dáveis flor, que inda era cedo,
Aos grandes ventos tínheis medo,
E às altas copas do arvoredo
Erguíeis braços pequeninos.

Tempos após, quando viera
A exuberante Primavera,
Robusta e moça vos achava!
E abriu-se em flor a vossa fronde
Que os ninhos tépidos esconde,
Alegres, vivas flores, onde
Um loiro mel se acumulava.

E logo às pétalas vermelhas
Vieram as próvidas abelhas
Para a colheita cobiçada.
E do alto espaço resplendente
– Moça, ereis linda! – o Sol ardente
Baixou, num hálito candente
À vossa copa perfumada.

Anos depois – como a velhice
De flocos brancos vos cobrisse –
Ao vento ríspido e hibernal
Que então soprou, violento, em breve
Caia a paina branca e leve,
Chuva de neve, única neve
Do nosso inverno tropical.

A MINHA GOIABEIRA

P. Bandeira

No jardim da minha casa
mora uma grande amiga.
É uma velha goiabeira,
Linda, grande e muito antiga.
“Isso é manacá-da-serra!”
minha mãe disse para mim,
e eu bem sei que goiabeira
não se planta no jardim.
Mas eu gosto de goiaba,
manacá nunca comi
Pois pra mim é goiabeira,
minha amiga e companheira,
e eu não quero discutir.
“Manacá é uma flor,
não é uma fruta de comer.”
Me explicaram outro dia,
e eu não quis nem responder,
pois eu pego uma goiaba
que a mamãe comprou na feira,
vou correndo pro jardim
procurar a goiabeira,
pra deitar na sua sombra
e fingir que foi dali,
de um galho dos mais altos,
que a goiaba eu colhi.
Quando a tarde é de calor,
subo lá na goiabeira,
e, pensando pensamentos,
passo o tempo e a tarde
inteira.
Ela é uma grande amiga,
me dá sombra e cheira bem.
acho até que ela sorri
E conhece a mim também.
Veio um homem outro dia
minha amiga examinar.

Disse que ela tinha bicho
e não ia mais sarar.
“Essa árvore é bem velha,
não tem cura na verdade.
Eu vou ter de derrubar,
pois tem bicho em
quantidade.”
A tristeza não tem hora,
a tristeza não se atrasa:
vão cortar a goiabeira
do jardim da minha casa.
Que será que ela tem
que com a vida dela acaba?
Ou pegou bicho-de-pé
ou tem bicho de goiaba...

ARAUCÁRIA

Helena Kolody

Araucária. Araucária
Nasci forte e altiva,
Solitária.
Ascendo em linha reta
– Uma coluna verde-escura
No verde cambiante da campina.
Estendo braços hirtos e serenos

Não há na minha fronte
Nem veludos quentes de folhas
Nem risos vermelhos de flores,
Nem vinhos estoantes de perfumes.
Só há o odor agreste da resina
E o sabor primitivo dos frutos.

Espalmo a taça verde no infinito.
Embalo o sono dos ninhos
Ocultos em meus espinhos,
Na silente nudez do meu isolamento.

O ZAMBUJEIRO

Sebastião da Gama

Deus disse: "O Zambujeiro nasça".
Viril, rompeu da terra o Zambujeiro.
O tronco é o dum homem das montanhas.
São mãos de cavador seus ramos. Só as folhas,
Delicadas, suaves... Pela noite,
Quando tudo se cala, mesmo os pássaros,
O Zambujeiro canta...

PLANTAS

Jorge de Lima

Não “apeiba simbalanea”,
O teu nome, conterrânea, é Embira-branca,
Pau-de-jangada, simplesmente,
Com que o homem das praias
Vence as ondas
E ferra o tubarão,
O mero,
A arraia.

Copaúba, dendê, coco pindoba,
Pau-d’arco cor de oiro,
Camará cor de luar,
Sapucaia cor-de-rosa,
Canafístula cor de feridas;
Já não há
Mais pau-brasil
Mas há plantas que dão
                    Pão,
                    Sal,
                    Azeite,
                    Água,
                    Pano,
                    Remédios,
                    Carrapetas,
                    Taramelas,
E há a cana que dá tudo,
Porque dá ao homem triste dessas terras
A alegria cor de brasa da embriaguez
E o esquecimento cor de cinza que vem dela.

VEGETAÇÃO DE INFÂNCIA

Nuno Júdice

Onde está a antiga nogueira cujas raízes
entravam pela água? Sei que os seus ramos se partiam
de cada vez que o ribeiro enchia; que as folhas
se espalhavam pelo tanque, antes de se afundarem,
formando um lodo em que os pés escorregavam;
que o barulho das rãs ecoava na sua copa, enquanto
a noite se agitava com o vento frio que trazia
o outono. Mas de nada me serve este conhecimento,
agora que nada me diz se a nogueira existe, ainda,
nessa margem onde me sentei, ouvindo as rãs
e o vento, sem que me apercebesse do trabalho do tempo
no fundo das raízes. Ou antes: o que ele me dá é
uma inquietação áspera como o sabor das nozes
que se colhiam dessa árvore. Atiro-as para o armazém
da memória onde as sombras se acumulam; e
entro nessa árvore, como se fosse uma casa,
ou como se as suas ramagens se abrissem
num bater de asas impotentes para o voo.

À FIGUEIRA DA QUINTA DE S. PEDRO, PEDINDO À SUA DONA QUE NUNCA A DEIXE MORRER

Alexandre O´Neill

Na profusão dos gestos, a presença: a figueira.
Merecia ir à piscina tomar banho, a figueira.
Merecia mais que muita gente,
que, semovente,
passarinheira,
não passa afinal de estar *à beira*.

Com seus braços,
nadaria, ao mesmo tempo, em todos os sentidos,
seria a presença inteira
(...)

- Generosa figueira,
quando estiveres doente quem te deita?

PAU-BRASIL

C. Paula Barros

E assim que viram aquela árvore
Cheia de flores amarelas,
Como uma festa de ouro,
Disseram os marinheiros:
“Cada uma é um tesouro – Brasil! Brasil!”

Tempos depois os outros, que aqui nasceram,
Vendo a árvore tão bela sob o firmamento,
Exclamaram cheios de enternecimento:

“Árvore! Mãe Vegetal! Sombra da minha taba!
Em teu cerne há clarões e há pulsar de sangue ardente.
E foste a inspiração, e, a tua seiva, a água que batizou a Terra,
A Terra onde aprendi, com minha mãe,
A fala de minha gente!

Enquanto as tuas irmãs da floresta cantavam,
Junto às flautas do vento e à voz meiga das aves,
As tuas ramas se vergavam, e, de gemido em gemido,
Os teus troncos partiam e as tuas raízes sangravam!

Nenhuma como tu! Por mais que reflorissem,
Nem que as florestas todas se cobrissem de flores,
Seriam como tu!

Que, do fundo da terra, subindo ao céu, com a força das tuas raízes,
Rompeste o chão, brilhaste ao sol, sofreste a dor e ardeste em brasas,
Na glória de inspirar o nome do Brasil!

O CAJAZEIRO

Valfredo Martins

Pomo de ouro que excita, inflama, exalta
O paladar! Extravagante pomo!
Se não já nas mãos cúpidas o tomo
E a avidez de mordê-lo não me assalta,

Os cachos pelas franças da árvore alta,
Olhando agora em comovido assomo,
Da infância esfolho o recamado tomo
E úmido brilho os olhos meus esmalta.

Ó cajazeiro! Com que ingênua mágoa,
Por não poder galgar os teus penachos,
Nos meus oito anos eu te contemplava!

E ávido o olhar, e a boca cheia d’água,
Dourados como o meu cabelo em cachos,
Os teus cachos tão altos cobiçava!

AMENDOEIRAS

J. G. de Araújo Jorge

No mês de julho, todo ano, as amendoeiras da minha rua
Mudam de roupa.
Despojam-se de repente das velhas folhas
Enferrujadas
E abrem outras tão verdes como se o Criador acabasse de tocá-las...

Durante um mês, o vento inquieto, como criança
Revolve as folhas secas, e há pelas noites frias
Uma algazarra vegetal de despedidas...

Este ano, só uma amendoeira não trocou suas folhas
Inexplicavelmente.
No meio das outras verdes, tenras, como árvores recém nascidas,
Ela ficou triste e nostálgica, com suas velhas folhas enferrujadas...
Sacudida pelo vento...

Será a morte ou será a poesia?

AÇAIZEIRO DO PARÁ

Abguar Bastos

“Quem vai
Ao Pará
Parou,
Bebeu
Açaí
Ficou...”

A lua crescente
Na mata florida
É arco recurvo
De luz,
Quase
Renda.

Palmeira açaí,
Chamada açaizeiro,
É flecha comprida
Alçada
Entre
As nuvens.

A flecha-palmeira
Fincada no chão
Do chão tira sangue:
É
Sangue
O açaí.

Quem bebe esse sangue
Feitiço bebeu...
Na terra encantada
Quem bebe
Açaí:

Cabeça virou,
O barco perdeu
... ficou!

ACÁCIA MEIGA

Cleómenes Campos

A acácia jovem de certa esquina,
Sempre que eu passo,
Para que eu passe sem minhas dores,
Num gesto grácil toda se inclina,
Roça-me o braço
Com a pluma de ouro das suas flores.

A tua trança, sedosa e fina,
Desfeita ao vento, bateu-me à face
De um jeito doce,
Como se a acácia de certa esquina,
Mais linda agora, me acompanhasse
Por onde eu fosse...

TRIBO EXTINTA

Menotti Del Picchia

Cacique jequitibá
Onde está tua tribo?

Em teu redor,
Os soldados nanicos dos cafezais
Cercam-te com filas de talhões
Como pelotões de polícia,
Prendendo um caudilho libertador
Que vê findar seu drama heroico
No episódio ridículo de uma tocaia...
Onde estão tuas amantes gigantescas:
A caviúna de canitar altaneiro,
A paineira enflorada e redonda,
Como as ancas de uma fêmea fecunda,
E as palmeiras esbeltas e adolescentes?

Cacique jequitibá
Preso entre as ramas de café,
Onde está tua tribo?

Ela se agitou com mil arcos e lanças,
Com mil tacapes de mil guerreiros
Disparando as flechas de gaviões de penacho
Contra o escudo de aço polido do sol!
Teu estado maior era bravo:
Jacarandás cheios de cicatrizes,
Perobeiras minazes,
Cedros esmagando com os pés das raízes
Os saltos de jaguar dos urupês...
Ipês cobertos de medalhas de flores
E jatobás de peito tão largo
Que só a flecha de fogo do raio podia trespassar!

Onde está tua tribo, cacique jequitibá?

Roncava a inúbia das copas

Na batalha da tempestade.
Teu boré atroava a baixada
E a imensa tribo verde sacudia os cocares
E rompia pelas rampas dos morros num tropel de escalada,
Fincando a seta dos coqueiros
Até às barrancas dos rios.
Depois, bêbeda de chuva,
Cansada de luta e de vitória,
Dormia na taba noturna,
Espetando na ponta dos galhos cabeças de estrelas...

Cacique jequitibá, onde está tua tribo?

Foi o homem branco
De pele macia e de passos miúdos
Quem apunhalou teus guerreiros?
Tu ouviste seus gritos. Arrepiaste os cabelos das folhas
No horror das queimadas. Ficaste sozinho,
Caudilho dominado,
Último morubixaba selvagem
Preso pela escolta
Dos cafezais civilizados...

Cacique jequitibá: no festim da tua morte,
Teu inimigo branco fará do teu corpo
A trave do seu teto,
O berço do seu filho,
E a caixa do seu ataúde...

O JAMBO VERMELHO

Soares de Azevedo

Pesado de nuvem rubra,
Desprende o jambo vermelho
Do solo por sobre o espelho
O seu tapete grácil,
Espalhado pelo vento,
Cheio de graça e de alento...
E, para que o chão se cubra
Do pólen de flores mil
E todas deidades se amem
Naquele leito ciclâmen,
Espalha o jambo vermelho
Do solo por sobre o espelho
O seu tapete gentil...

A ÁRVORE DE SANGUE

Pedro Uzzo

A ipueira resplende em meio da restinga...
Salpicam-lhe a água quieta as flores da suinã.
A pétala que tomba é uma gota que pinga,
É o sangue a ressumbrar dessa árvore pagã.

Figuremos um céu que, por obra ou mandinga
De um pajé misterioso e de estrutura anciã,
Todo se enraiveceu e da mata se vinga,
Ferindo-a com um raio ao frescor da manhã.

E, cravando o punhal de luz na selva escura,
Ela geme, ela clama e se contorce exangue
Ao troar do trovão na celestial altura.

E então a velha suinã, florindo a fronde enorme,
É uma chaga a jorrar aos borbotões o sangue
Da profunda lesão do matagal que dorme...

A SAMAÚMA

Humberto de Campos

O tronco é um templo de seis portas. Cada
Raiz é um muro de rijeza e altura
Tais, que esse tronco, sobre a terra dura,
Mais parece a floresta conjugada.

Entre duas raízes há uma lura,
Gruta ou cela, em que o indígena a pesada
Tangapema introduz: e a selva escura
Troa, estronda, reboa, despertada...

Poeta, que largas o teu verbo ao vento,
No solo pátrio, gigantesco, enterra
As seis raízes do teu pensamento!

Crava-as, dando na paz o mel que eu libo;
E resta firme para troar na guerra,
Despertando os heróis de nossa tribo!

A MONGUBEIRA

Carlyle Martins

Na praça abandonada, entre anseios e ruídos,
Exposta à chuva, ao sol e ao perpassar do vento,
A mongubeira, erguendo os galhos refloridos,
Mantém-se nobre e heril, olhando o firmamento.

Saltita a passarada em festas e alaridos,
E a brisa põe a sua fronde em movimento:
Ora alegre e vivaz, ora em surdos gemidos,
Mostra-se indiferente ao mundo negro e odiento.

A paisagem que vejo é penumbrosa e triste,
Mas ela, sempre verde e imponente, resiste
Do seu sólio ao tropel do tempo em disparada.

Na terra, a mongubeira alta missão resume:
Espalha pelo ambiente o mais doce perfume,
Dando um pouco de sombra à praça abandonada.

AS JABUTICABEIRAS

Franklin Magalhães

Há, do meu quarto em frente das janelas,
Entre as auras fagueiras,
Cheias de folhas verdes e amarelas,
Três jabuticabeiras.

Folhas e ramos, galhos e raízes,
Flores e frutos, tudo
Palpita nestas árvores felizes
Num grande abraço mudo.

E enchem o céu de lânguida harmonia,
De rumorejos vagos;
Vivem cantando e amando, noite e dia,
Entre beijos e afagos.

E, quantos sonhos, quantos! – alta noite! –
E como é doce vê-las,
Das virações do céu ao leve açoite,
Ao fugir das estrelas!

E nos seus galhos vêm fazer os ninhos
As aves multicores;
E elas, cheias de amor e de carinhos,
Carregam-se de flores.

E entre os ramos a música ressoa
Dos pássaros inquietos;
E em torno, à luz do sol, voa e revoa
Uma nuvem de insetos.

E há sussurros, há frêmitos, queixumes,
Suspiros e desejos;
Vibram canções de amor, sobem perfumes,
Soam risos e beijos...

E estes beijos sem fim, e esta sonata,

E estes longos abraços,
E o mistério de amor, que a alma arrebata
E vibra nos espaços;
E os seus hinos ao sol, que o etéreo e o infindo
Transborda de esplendores,
Seus hinos de esperança ao céu subindo
Com o perfume das flores;

E ao pôr-do-sol, em suave despedida
À vaga imensidade,
Seus cantos de tristeza indefinida,
Seus cantos de saudade;

Tudo isso ascende à cúpula infinita,
Às estrelas, à lua;
Tudo isso dentro do meu ser palpita,
E em minha alma flutua...

Ah! Corressem-me as horas mais fagueiras
E os dias mais suaves,
E eu fosse como as jabuticabeiras,
Cheio de flores e aves!

E me embalasse à brisa suave e mansa,
Do amor na sinfonia,
Todo cheio das flores da esperança,
Das aves da alegria!...

A QUEIXA DO EUCALIPTO

Amaryllis Schloenbach

Estranho é nosso destino,
Parecido ao dos humanos.
Somos todos semelhantes,
No entanto, quando crescemos,
Temos fim bem diferente!
Uns – sentinelas altivas –
Vão ser os postes da estrada;
Outros se deitam no chão
Para servir de dormentes.
Alguns, porém, mais afoitos,
Deixam-se ir às cidades
E se espalham entre pontes,
Cercas, tetos, assoalhos,
Instalam-se em belas casas,
Ou chegam mesmo a viajar
Nos navios de que são parte.
Há também os abnegados
Que oferecem suas folhas
Para conforto e remédio.
Outros, ainda crianças,
Vão ser do livro a matéria.
Mas, muitos mais, por tristeza,
Ante a impiedade dos homens,
São devastados sem dó!

AS ÁRVORES FALAM

Aloysio de Castro

As árvores falam na floresta.
Primeiro o ipê florido:
“Que estulta a vã palmeira! De que presta
O estipe nu! Eu pelo menos cubro
De ouro a montanha, logo chegue outubro.
Príncipe assim serei reconhecido!”

“Que muito, enfim, só desatar-se em flores”,
Diz a velha mangueira.
“Eu sim, fruteiro opimo e, dos ardores
Do adusto sol, protejo o caminhante,
Mato-lhe a sede e ao tronco meu, pujante,
Nu se iguala! Eu sim, sou a primeira!”

Então a enorme carnaúba altiva
Clama, meneando as ramas:
“Mais alta, olá, minha prerrogativa.
Como a mangueira adumbro o chão. Mas teto
Ao homem dou, no tronco em que vegeto,
E meu óleo, meu sangue, a luz das chamas!”

Sorriu às outras a imperial e esguia
Palmeira, ao percebê-las:
“Quem me ultrapassa? Aos homens mostro a via
Da salvação! Quem me contemple, ao alto
Levanta o olhar... Na terra, o sobressalto:
Meu tope busca o céu, busca as estrelas...”

O MEU POMAR

Cecília Meireles

Se eu tivesse um pomar, um pequeno pomar que fosse,
não lhe poria grade à roda como os outros proprietários.
Não poria a guardá-lo, um desses cães enormes, rancorosos,
que andam sempre rondando os pomares...
O meu pomar seria assim: todo aberto, para todos.
E, quando o outono chegasse e as árvores ficassem cheias de frutos amarelos
e vermelhos, nenhum pobrezinho teria fome,
nenhuma criança choraria de sede, passando pelo meu pomar...
E, no inverno, ainda haveria lá onde alguém se abrigasse,
quando chovesse muito ou fizesse muito frio...
Se eu tivesse um pomar, ele estaria sempre em festa,
cheio de borboletas e pássaros...
Como eu seria feliz, se tivesse um pomar!

O JARDIM

Andrew Marvell
Trad. de Aíla de Oliveira Gomes

Os homens gastam um esforço cruel
P'ra conquistar a Palma e o Laurel
E ver o seu labor encarniçado
Com alguns ramos de árvore coroado.
Enquanto ali mínima sombra amena
Tão árduas lides humanas condena.
E enquanto plantas e flores seu gozo
Oferecem, em docéis, para repouso.

Doce Quietude, eu te encontro aqui,
E tua irmã Inocência vejo ali,
Coisa que, em ilusão buscava ontem
No fatigante convívio do homem.
A se buscar vossos frutos sagrados,
Só entre plantas serão encontrados.
Que coisa tão rude a sociedade
Do que esta deliciosa soledade.

Do branco ou o rubro, a formosura perde
P'ra tão amável, amoroso verde.
Amantes tão cruéis quanto sua flama
Nas árvores talham o nome de sua dama.
Ai! quão pouco eles sabem ou percebem
Quanto as belezas daqui a excedem;
Árvores belas, se vos talho, em rito,
Somente o vosso nome será escrito.

Quando do fogo das paixões me canso,
O amor encontra aqui o seu remanso.
Os deuses, em caça à mortal beleza
Numa árvore sua busca param, em surpresa.
Apolo persegue Daphne, sorrateiro,
Até vê-la transformada em loureiro.
Pã corre atrás de Syrinx desvairada,
Que por fim é em junco transformada.

Ó vida maravilha, que eu não a esqueça!
Maçãs maduras caem-me à cabeça
Cachos de uva lustrosos, no caminho,
Espremem-me na boca ávida seu vinho;
A nectarina e o sumarento pêssego
Pendem-me nas mãos, com que fácil os pego,
Tropeçando em melões, e emaranhado
Em tantas flores, caio no gramado.

Enquanto a mente, de prazeres pura
Retira-se só p'ra sua ventura.
A Mente, esse oceano, onde cada espécie,
Como em espelho refletida, aparece,
Inda cria, transcendendo em seus ares
Tudo isso – outros mundos e outros mares:
Tudo que é real aniquilado tomba
Num verde pensamento em verde sombra.

Aqui, junto a resvalantes nascentes,
Ou ao pé musgoso de árvores virentes,
Despojada das vestes corporais,
Minha alma desliza em ramos virginais.
Ali, qual pássaro em canto desata
E afia e penteia suas asas de prata,
E alça voo, terminada a sua ária,
E em suas plumas tremula a luz vária.

Assim, no Éden, feliz de sua sorte
Viveu o homem ainda sem consorte.
Ante tão ameno e puro lugar,
Que outro amparo poderia encontrar?
Mas era muito p'ra o mortal quinhão
Vagar pelo jardim em solidão;
Dois paraísos em um eu diviso:
Viver somente eu no paraíso.

Do Jardineiro, que arte sem igual,
Com flores e ervas construir seu dial!
Onde, do alto, um sol mais meigo passa

Pelo odoroso Zodíaco a sua graça.
E, enquanto isso, a abelha, em sua labuta,
Tão bem quanto nós no seu tempo computa.
Onde viver horas tão ideais,
Senão em flóreos mundos vegetais?

FLORESTA VIRGEM

Luís Carlos da Fonseca

Floresta secular! Majestoso recinto
Dos mistérios sem fim da Natureza. – Escuta:
Tudo palpita aqui, tudo se estorce em luta;
Pela mudez, porém, tudo parece extinto!

Estas árvores sempre em tonto labirinto,
Desde a raiz à rama em que o húmus se transmuta,
Surgem na vibração da sua força bruta,
Avultando ao sabor do ascensional instinto.

Floresta... Aos temporais – verde aflição revolta:
Braceja, entre os cipós, que a enlaçam, num aperto,
Como um polvo de mil tentáculos sedentos!

Sofre, assim, condenada a eterno desconcerto,
Ora envolta em silêncio, ora em fragor envolta,
Sob os golpes do raio e o repelão dos ventos!

REVOLUÇÃO NA FLORESTA

Luiz Delfino

E é que estão vivos!... Fala-me a floresta;
E a água, que os pés desnus em flores lava:
Mas... nada desse humor com que eu contava!...
Sombras, nem vós? — Rochas, nem vós? — E esta!...

Brandiu-me um tronco um galho, e, zás... na testa!...
O rubro fruto da miuçalha brava
A vista em sangue em mim raivando crava!
O outro dia era tudo um grito em festa...

Em star mal com vocês eu nada ganho;
Prefiro em cada cara um gesto amigo;
Gentes, não há um crime assim tamanho...

Eu vos entendo, e vosso espanto sigo
Em cada verde olhar, que em vós apanho,
Paz! que ela vem: não sois seu templo antigo?!...

VISITA À FLORESTA

Guerra Junqueiro

Ó clareiras do bosque! Ó penumbras sagradas!...
Como o sol entra aqui a rir às gargalhadas,
E como a natureza é virginal e pura!
A alma se me esvai, fundida de ternura,
Em murmúrios d’amor, em êxtases de crente!...
Como isto moraliza e diviniza a gente!
Dá-me vontade de ir subindo essas encostas,
Ajoelhando, a beijar a terra de mãos postas!
Eu quisera enroscar-me aos robles com a hera,
Ser perfume do lírio e ser vigor na fera.
Desfazer-me, diluir-me em luz, em ar, em cores,
Semear-me e nascer todo o meu corpo em flores
Com as águias voar no oceano infinito,
Ser tronco, ser réptil, ser musgo, ser granito,
De forma que eu andasse, em átomos disperso,
No céu, no mar, na luz, na terra – no universo!...

Entre este fecundar de seivas luxuriantes,
Entre a vida brutal das árvores gigantes
Levantando ao azul os pulsos seculares
Entre as vegetações frescas de nenúfares
De cactos, de jasmins, de silvas, de roseiras,
De serpentes em flor – isto é, de trepadeiras
A escrever, a romper da terra funda, escura,
Debaixo desta rica igreja de verdura,
Transpassada da luz cruel do sol faminto.
Ó! Natureza! Ó Terra, ó minha mãe! Eu sinto,
Sinto bem que nasci do teu enorme flanco,
E que o homem e o tigre e o cedro e o lírio branco
São filhos a quem dás de mamar no teu seio
Eternamente bom e eternamente cheio!

QUE FLORESTA É ESTA!

Silvino Netto

Que floresta é esta
Que no seu canto, me encanta,
Que me aquece em sua manta,
E no aconchego me faz adormecer,
Trazendo paz
Ao meu amanhecer!?

Que floresta é esta
Que me seduz,
Que me faz festa,
Que me inspira
Com sua penetrante luz!?

Que raízes e troncos são estes da floresta,
Que com seu porte,
Me encorajam a permanecer,
Ser forte,
Na luta pelo sobreviver!?

Que folhas verdes, são estas da floresta
Que me acenam um amanhã,
De certeza da esperança,
Lembrando-me: Quem espera sempre alcança!?

Que flor é esta, da floresta,
Que perfuma meu ser,
E na beleza de suas cores,
Faz-me lembrar meus amores,
E vontade de viver!?

Que fruto é este da floresta
Que alimenta a minha alma,
Que me acalma,
Quando a angústia chega ao coração!?

Que brisa é esta da floresta

Que me visita com leveza,
Minhas tardes acaricia,
Minha face amacia!?

Que fauna é esta da floresta
Que em movimentos orquestrais,
Abrilhantam minhas manhãs
Com lindos solos e corais?

Que sol é este da floresta
Que em minhas tardes de labor,
Me aquece, na medida, em seu calor!?

Que floresta é esta,
Onde encontrei irmãos, amigos, amáveis,
Criativos, saudáveis,
Solidários, verdadeiros Artistas da Floresta!?

És tu, Floresta, amada, da Tijuca!
A quem expresso neste canto poético,
Minha sincera gratidão,
Pelo bem que tu me fazes
Ao coração!

A DESTRUIÇÃO DAS FLORESTAS

Manuel de Araújo Porto-Alegre

CANTO I.

A DERUIBADA.

Na mão do escravo acicalado ferro
Brilha, e reflete do africano vulto
Sorriso delator de interno gozo!
E sôfrego acudindo à voz do íncola,
Que na córnea buzina o madrugara,
Antes que a aurora os montes contornasse,
Na frondente floresta se aprofunda
Brada contente a parceiral caterva,
Pronta agitando as fouces e os machados
Que no ar lampejam quais sinistros raios.
Mede com a vista os seculares troncos
Desses gigantes que laceram nuvens;
Que tantas estações, e tantas eras,
Os céus e a terra em porfiada lide
Donosos empregaram na estrutura
Que tem por coração cerne de ferro,
Onde verazes os anais do mundo
Em multíplices rolos se recatam.

Prorrompe o capataz com gesto fero,
Afras canções do peito borbotando,
Que alentam do machado o golpe; troa
O hino devastador, que em curta quadra
Lança por terra mil possantes troncos,
Timbre dos evos, pompa da natura.

Nos largos botaréus, que a base escoram,
E no solo se entranham tripartidos,
Como ingentes jiboias no profundo,
Talha o machado a corpulenta crosta.
Treme o chão, treme o ar, geme e se esfolha
A cúpula verdegai do amplo madeiro,

E convulso largando os verdes frutos,
Graniza o bosque com medonho estrondo,
Que as aves manda ao céu, e à toca as feras!

Marca a funda machadada
Do canto sáfaro o compasso;
E as que o ar toldam mil lascas
Roboram do fulo braço
O golpe destruidor.

Baqueiam enormes lenhos,
E centos de outros mutilam;
Trovejam; mas eis que os ferros
Já não cavam, nem fuzilam
O golpe destruidor.

Sorri-se tripudiando,
O negro falquejador,
E para o selvagem canto,
E o golpe destruidor,
E limpa do brônzeo rosto
Com a mão o alvo suor.

Rija celeuma de confusas vozes
Aplaude a queda dos pujantes lenhos.
Como uma anta feroz, sibilo agudo
Arma com os dedos nos sovados lábios
O ledo capataz, e açula a turba,
Com novo metro, e variado modo,
A de um golpe extinguir o parque excelso,
Que incólume surgiu do cataclismo!

As foices e os machados manobrando,
Vão amputando o peristilo umbroso
Da verde tenda, monumento inculto,
Que de indômitas feras fora asilo,
E os acentos canoros de mil aves
Nas perfumadas folhas embebera;
E onde em bárbaro coro a símia astuta
Outrora se embalava, até que a frecha

Do certeiro Tamoio, o ar fendendo,
Com a ponta hervada lhe enfiasse a morte.

Como colunas de arruinados templos
Jazem prostradas em confuso enleio
As grossas hastes, desmedidas, fortes,
Dessas umbelas, que subindo aos astros
No regaço do sol fruíam ávidas
Os puros raios de vital conforto!
A prenhe sombra de fragrância e fresco,
Que cem plantas mimosas protegia,
Não mais amparará bolhão ruidoso,
Que a estiva sede dissipava às feras.

Oh! que espetáculo grandioso e triste
Meus olhos, abarcando, contemplaram!
O ferro iconoclasta retalhando
A verdejante clâmide da terra,
O seu manto sem par, — e cuidadoso
Poupar avaro inúteis esqueletos
De eivados troncos, carcomidos galhos,
Aonde a viridante primavera
Em vão tentara, em contumazes lustros,
Nos podres garfos da raiz anosa
Seu insuflo vital verter benigna!

Ruínas sacras, que eu lastimo, e adoro,
Das aves trono, e odêo harmonioso!
Hoje achanado teu sublime porte
Rola na terra os prostilões soberbos
De odoros acrotérios, onde a arara,
O brilho apavonando de seu manto
Como uma flor alada resplendia!

O ferro prosternativo,
Novos prodígios mostrando
Sobre a coma dos gigantes,
Que na terra estão rolando.
De Flora novos mimos denuncia,
Que de nácar se adornam, de ambrosia.

Rescendentes de almo cheiro
Novas flores vão-se abrindo,
E pelas brandas anteras
Suave aroma expandindo,
Que delírios celestes encendendo
Vão a vida em elíseos convertendo.

Eu vi dos jardins etéreos
Belezas, perfumes, cores,
Onde as abelhas sidéreas
Colhem nectáreos licores,
E onde os querubins, de amor divino,
Ungem as asas de vapor nardino.

Sois nada, jardins do luxo,
Com vossa Flora mesquinha!
Em vossos vasos de mármore
Mofina cresce a florzinha.
Do éter não a nutre a essência pura
Longe do vital seio da natura.

Nas flores da floresta imensa e livre
Celeste prisma desprendendo cores
De incógnito matiz rocia as pétalas,
Onde de luz um raio desusando
Gemas simula, que deslumbram, cegam!
Como inseto em seara submergido
O homem se afigura, comparado
Com ingente ossada da floresta anosa
Que a seus pés mutilada fana e murcha.
Ali troncados mirram sobre a arena
Fuliginosos toros, tapeçados
De aveludado musgo, onde resultam,
Em forma de ramais, e de coroas,
Raiadas parasitas, que debruçam
Em cheirosas liaças brandos feixes
De multimodas flores, onde há pouco
O melífluo jati zumbindo, errante,
Com a tromba odora recolhia o pólen.

Outros, curvados pelo próprio peso,
De encarnadas escamas se revestem,
De verdes lanças, de estrigadas farpas.
De róseos cachos em pedúnculos áureos,
Como em festiva noite ornado mastro.
Outros de rubro agárico se bolsam,
E nas eivadas, bolorentas fendas,
A vista oferecem enfiados cardos.
Largas vergônteas, como enormes rocas
De sumaré palmato se nodulam,
Onde a Natura na cerdosa borla
Tenaz visgo injetou, que a indústria explora.
Imensos crivos de cruzadas norças,
De esfriadas butuas, camarões flexíveis,
E de aérea, arrendada criciúma,
Semi suspensos de pujantes troncos,
Das auras ao volver se embalam, gemem.
Como harpas eólias gigantescas.

Ali mais não virão, chilrando em nuvens,
Fugazes maritacas; nem no outono
O grisalho macuco enamorado,
Incauto a morte achar no tredo canto,
Que o sagaz caçador pipila oculto.
De tronco anoso no barbado cimo
Não virá perfurar côncavo leito
A córnea goiva das Ioquazes aves;
Nem os casulos de mimosa paina,
De finos musgos tecerá nos ramos
Sussurrante colibri furta-cores.
Da fulva rola o compassado arrulho.
Do sahico gentil, do gaturamo
Os brilhantes gorjeios, que nas calmas
Alegravam do bosque a soledade;
Da ciclópea araponga o férreo canto;
Da altiva capoeira a maga flauta
Não mais ecoarão ricos trinados.
E a maviosa, compassiva endecha
Do terno sabiá nesse remanso
Não mais cadenciará de tronco a tronco

Cerúlea borboleta em valsa aérea.

No antro escuro de cavada rocha,
Açodada em pavor arqueja e ronca
Medonha jararaca, e despe astuta
O escamífero estojo que a reveste,
Para fugir mais leve a tanto estrago.
O esbelto veado em salto alípede
Galga nova espessura espavorido.
Grunhindo em longas varas serpenteiam
Ferozes caititus por ínvias matas,
Onde o férreo mangil tenha poupado
No ar, na terra, o suculento cibo.
Ali eterno ipê, onde mil vezes
O dorso colossal de anta membruda
Em fúria abalroando, perseguida,
Nem sequer lhe abalara a copa augusta,
No baque horrível que arqueara angicos.
Centos de estragos descreveu, prostrando
Na queda sua brancas embaíbas,
Cujas raízes para o céu se ergueram;
E a planta esguia de estrelados braços,
Que ufana retratava na ramagem
Hebraico candelabro em sinagoga,
Sobre o solo se esmaga desfolhada.
Geme grudada no carmíneo grelo
Tarda preguiça, de nojento aspecto.

Oh dor inexplicável! Sotopostos
Troncos a troncos, inda emaranhados
Na espessa malha das tenazes cordas,
Que como enxárcias sobre a terra a prumo
O serpentino imbê do alto brotara,
Vejo um rubro tiê, que à flor purpúrea
Disputa o brilho com a louça plumagem.
O desfiado ninho contemplando!
Como tonto, a seu lado, o ar atroa
Canoro encontro, lastimando a choça,
Onde incubara no amoroso termo
Tenra prole, esperança de seus hinos.

Embalde mortal pugna trava há séculos
Sicária planta com um aderno altivo.
Como enorme lacraia, nas vergônteas
O cipó-matador tenaz se agarra,
Rouba-lhe o sangue, o garbo lhe aniquila,
Mirra-lhe os membros, cresta-lhe os pimpolhos,
E abraçada com o pútrido cadáver
Do lenho que o nutriu, quer ir às nuvens
Com os astros ombrear, e sobranceiro
Saudar o sol, e recolher avaro
Os puros raios da manhã serena!
Eis que o machado a base ora lhe talha,
E o sepulta de um golpe, e a afronta vinga.
Assim tredo valido o sceptro usurpa,
E num montão de minas se entroniza;
Ergue-se ao céu no turbilhão sangrento
Que o vulcão popular vomita em jorros!
Mas, quando acalma a canibal tormenta,
Precípite de chofre cai, e encontra
Nas fauces da cratera a morte, e o nada.

Como tênue renovo, humilde planta,
Entre os gomos robustos que enraízam
Valente cabiúna, brota e alça
Tortuosa virgulta, que animada
Cresce e vigora, coleando o tronco;
Manso e manso se entranha, e a seiva sorve;
Mingua do bojo obeso o pando amplexo,
Seca-lhe as folhas, atrofia o cerne,
E em nula podridão converte, esbroa
Aquela que mil vezes triunfante
Zombou dos furacões, zombou dos raios,
E cujo firme pé baldara as lutas
E a broca altiva de hórridas enchentes.
Sobre as asas dos ventos caminhando,
Suspensa em nova vítima se enrosca;
E de ruína em ruína rediviva
Inútil morre! Qual o a varo sórdido,
Vampiro da miséria de mil homens,

Que o tesouro engrossara em porcentagens,
Num catre estala entisicado à fome,
Sobre os milhões que aferrolhara o vício!

Oh zona tropical, terra de encantos!
Onde a Natura baralhou grandiosa
Das estações o quadro, recompondo
Eterna primavera, eterna vida.
Se o machado cruel em mãos estultas
Só estragos fizesse, em breve quadra
A fênix vegetal do novo mundo,
Das próprias ruínas ressurgindo à vida
Verdes titãs elevaria ufana,
A cuja sombra dilatada e mansa
Valentes legiões se abrigariam.
De rubros angelins, odoros cedros,
Louras perobas, guararemas cáusticas,
No próprio ventre das errantes nuvens
A esponjosa guedelha iria ovante,
Antes do raio e dos trovões medonhos.
Sorver o cibo nas cinzentas chuvas.
Sem mais esforços da ciência e da arte,
Bizantinas colunas se ergueriam,
Naves sombrias, pórticos soberbos,
Sustendo a cúpula engrinaldada e móbil
Desse portento de verdura e nardo!
Áureas grapiapunhas, que no Oceano
Mofam tranquilas do marouço inóspito;
Ebúrneos pequiás, jaldes canelas,
Purpúreos mangalós, graúnas mágicas
Que ilesas mil incêndios atravessam;
O roxo guarabu, alma dos plaustros,
E o purpúreo brasil, que no universo
Um Império brotou, viçoso, e grande!

Ali do rijo lenho, eterno esteio,
Que do ferro rival lhe toma o nome;
Do róseo araribá, do copaíba,
Que o âmago oleoso ensoberbece;
Do odoro sassafrás, do sucupira,

E do ebúrneo setim, áureo-luzente,
De novo a sombra na cerrada grenha
Quieta guarida ofertaria às aves,
Vitais biscatos à inocente prole,
Quando nos ares, pela goela intensa,
Cospe o Capro na terra os ígneos dardos,
Que em frutos saborosos se transmudam.
Mas ai! o voraz fogo, a ardente chama
Tudo destrói, calcina, extingue e arrasa!

Sublime criação, nobre proscênio
De vida, e amor, de melodia, e bálsamo,
De terríveis combates! e hoje ruínas!!!
Os teus umbrosos parques e aleias
Não mais recamará de seus gorjeios,
A boscareja orquestra alegre e varia,
Nem o vate arroubado e pensativo,
A luz esverdeada que te inunda,
Entre os eflúvios da baunilha odora,
Graves inspirações, sacros mistérios,
Aqui recolherá em ondas de estro.

Teus sândalos que mirra lacrimavam,
Navetas copiosas do turíbulo
Que em seu altar turícrema Natura
Sobre o bafo da aragem matutina
Em duetos invisíveis meneava,
Liberal perfumando os céus e a terra,
O machado cruel, em mãos estultas.
Para sempre os ceifou, deixando um ermo!
E entre chamas expira a nota augusta
Desse hino eterno da virente Flora!!

CANTO II.

A QUEIMADA.

Quebrou-se a mola ao mecanismo excelso
Do secreto artifício da Natura!

O sol que outrora vida difundia
Sobre a panda alcatifa da floresta,
Hoje resseca as monstruosas ruínas
D'esse templo sagrado, onde mil flores
Nas perfumadas aras entretinham,
Como vestais, a sacrossanta essência.

E hora do labor, fumega a terra
Mefítico vapor, que o rosto inunda
De suor, e no peito ânsias revolve;
E ao afro escravo dá vigor aos membros
Que outrora em descampados embala
Como moimentos que elevara em montes
Guerreira prole a seus valentes mortos,
Ou de insulanos, bárbaros pagodes
Talhados postes, monstruosos hermes,
Que em renque afinca oriental idólatra;
Tais se afiguram os troncados toros
Que em pé deixara o cauteloso ferro.

É hora do labor, soa a buzina;
E a leda turma, que abatera a selva,
Preliba gozos na hecatombe imensa,
Que em breve as serras cobrirá de fumo,
Como se dó vestisse a Natureza!

É hora do labor, soa a buzina;
No córneo isqueiro a pederneira encosta
O guapo capataz, e alçando a destra
Move o fuzil; rebentam as faíscas,
E no âmago da mecha comburente
Se embebe o fogo, e bafejado aumenta.
Nas relíquias de pútridos madeiros
Derrama a isca, cuidadoso sopra,
Ativa a flama que espadanas brota,
E de grossas vergônteas a robora.
Divide os fachos, repartindo a gente,
E com um brado comanda o holocausto.

Por cem partes da terra nuvens se erguem

De brancos fios, que simulam plumas,
Como os penachos do crinito tyrso,
Que a palma extremam dos ubás farpados.
Estridente sonido o espaço enchendo,
Dá sinal às descargas incessantes,
Que rolam, como em fogo de alegria
Nos faustos dias que a nação consagra.

Como um bosque encantado e flutuante
O fumo de improviso se modela;
Vivas linguetas, trisulcadas, várias,
Surgem do centro como troncos ígneos;
E ao som das salvas, do estampido estranho,
Dos madeiros que estalam, se ergue o incêndio;
E o intenso gás dos cálidos vapores
No céu tremula, e nas vizinhas plagas,
Qual vaga crespa ao respirar dos Euros.

Na boca agita o dedo, e trina um grito
O ledo escravo, que africana crença
Na pátria lhe ensinou para destarte
Chamar os ventos a engrossar o incêndio!

Cresce e se alarga um nevoeiro espesso
De açafroada cor, que em largas curvas
Anovelado sobe, e tinge o limbo
De cambiantes pérolas; na terra
Lavra a fogueira, calcinando os troncos;
E aqui e ali em ramalhetes ígneos
As secas folhas pelo ar volteiam.
Por entre a turva massa que se encopa
Em negros turbilhões, se expande o fogo;
Abre-se em antros de sulfúreo aspecto,
Retalha-se, aglomera-se, enrolando-se
Em porfiados globos. Sopra o vento,
Descortina através da ardente frágoa,
Dançando alegres com brandões medonhos,
Em tripudio satânico os escravos!
Como Brontes, em rija vozeria,
Pelo bafo do inferno enegrecidos.

Como um combate de travadas fúrias,
Em que a morte vomita por cem bocas
Cerrada chuva de inflamadas bombas,
De cruzados pelouros que se esmagam,
E no choque reciproco se anulam;
E além, nos muros de possante alcáçar
Arde e rebenta o armazém da pólvora,
Toldando o ar, e estremecendo a terra;
Tal se afigura o pavoroso incêndio,
Que se alarga, progressa, trovejando,
Como se um gênio do infernal abismo
Abrisse os antros em que habita a noite,
E de hórridos fantasmas povoasse
Os céus e a terra com medonho estrondo.

Que estranha confusão, que acento horrível
A voz da ruína inopinada mescla
A Natura, e redobra o quadro hediondo,
No conflito mostrando cena insólita!

Na escura lapa de embrenhadas furnas,
Nesses ínvios covis de soltas rochas
Que rorantes cascatas desabaram.
Desperta o fumo as monstruosas serpes
Que eterna guerra ao fogo decretaram!
Em amplas roscas como raios surgem
Atrás surucucus varando os bosques,
Fendem os brejos, nas campinas voam,
E à queimada arremetem furibundas!
Como montantes que manobram Cides,
A cauda vibram que na terra rufa,
Como rufa o tambor em campo armado;
Arfando irosas três medonhos roncos,
Erguem o colo, fuzilando fúrias,
E à chama investem com danado arrojo!

Nem as roqueiras que os bambus ribombam,
E o fremente estridor que o vento engrossa,
Nem o bafo da morte a fúria abalam

Desses monstros raivosas! Implacáveis
Umas com a cauda batalhando, cegas,
Os braseiros espalham destemidas;
Outras se enroscam nos tostados postes,
E do alto de novo um bote atiram;
Aqui e ali com tresloucados golpes
O ar atroa a serpentina sanha.
Ora enroscando o chamuscado corpo
Na cinza ardente, que lhes cresta a pele,
Jazem vencidas, e um nó górdio enlaçam;
Ora convulsas arquejando morrem
Sobre o leito inflamado que as devora;
E no exício medonho expiram todas,
Da goela expelindo atro veneno!

Venceu o incêndio dos répteis a sanha;
E triunfante, impetuoso, lavra,
Lambendo os troncos com as vorazes chamas;
Redobra o brilho com o investir da noite,
E o céu de fogo colorindo e a terra,
Num pélago de sangue envolve tudo!
Entre rolos de fumo rebenta
Das taquaras o estalo medonho,
E o estridulo longínquo, enfadonho,
Rufa salvas de fila no ar.

Colubrinas de fogo crepitam
Estridentes faíscas na terra,
E a montanha de fumo que a encerra
Em andrajos se rasga no ar.

Como ingente canhão ribombando,
As tabocas estouram mil roncos,
Que abalando do solo mil troncos
Outro incêndio revolvem no ar.

Espadelas de fogo se engrossam
Através de espirais de atro fumo,
Que seguindo das nuvens o rumo
Vão dos astros o rocio secar!

Zune o vento, a fumaça se espalha,
E os cepos dos troncos inflama,
Como em aras egípcias, e a chama
À raiz se recurva a queimar.

Sobe o monte o incêndio lavrando,
Com um trono infernal se assemelha!
Rola toros de viva centelha
Que braseiros espalham no ar.

Desse monte de brasas, e flamas,
Ampla tenda se alarga, e se estende,
Rouba aos astros a luz, e pretende
Negras trevas no céu condensar.

Como outrora o Vesúvio lastrando
Em Pompeia, Resina, e Herculano,
Tal o incêndio, num ígneo oceano,
Muda o céu, e a terra, e o mar!

Tudo é fogo, tudo é fumo,
Tudo estronda, tudo treme,
Tudo queima, tudo freme,
Tudo é cinza, tudo é ar!!!

CANTO III.

MEDITAÇÃO.

Vinde comigo, Brasileiros sábios,
Ao lugar onde outrora se ostentava
Cheio de vida, de fragrância e esmalte
Monumento votado a infindos seres,
Odoroso teatro, onde mil cenas
A terra erguera ao som do hino eterno
Das várias estações! Vinde comigo
Prantear desse templo viridante
As ruínas majestosas, convertidas

Em toros calcinados, e alva cinza!
De arte mesquinha, de alinhadas formas,
Do breve escantilhão, reta esquadria,
A mísera influência nem de leve
Seu porte amesquinhou, quando soberbo
Meneava nos céus floridas grimpas,
E da luz, do calor, do fresco orvalho,
O insuflo vital que recebia,
Com o próprio aroma grato perfumava.

Amável Freire, companheiro errante
Sobre o cimo das serras de Petrópolis,
Que adoras a Natura, e lhe consagras,
Sábio e artista, culto tão sublime!
Vem, amante de Flora, vem comigo
Mesclar teu pranto, teus gemidos graves,
Sobre os delubros do formoso bosque
Que o céu da pátria aviventou benigno.

Profundo e solitário Frei Custodio,
Que estudas a epopeia grandiosa
Das idades da terra, e que penetras
Com a mente aguda nos vitais mistérios
Da vária criação, lendo na crosta,
Que arredonda este globo, os hieróglifos
De oculta história, e na estrutura sáxea
Com o dedo mostras os anais do mundo!
Arqueólogo profundo, que os sepulcros
Dos priscos seres estudando atento,
Novos seres restauras, não mais vistos;
Novos só para nós, últimos íncolas
Do globo em que habitamos, cujos fastos
Disse Deus a Moisés, e este nos disse!
Vem, cronista da terra, vem comigo
Mesclar teu pranto, teus gemidos graves,
Sobre os delubros do formoso bosque
Que o céu da pátria aviventou benigno.

Querido Magalhaens, irmão desta alma,
Que vezes tantas no ditoso exílio

Meu peito arrebataste com a torrente
Que teu gênio borbota, quando altivo,
E abrasado na flama do improviso,
Milhões de ideias, mundos, o universo
Abraças, exalando nobres hinos!
Vem, amigo saudoso, ao teu amigo
O pranto mitigar com o lenitivo
Do augusto poderio da amizade!
Tu, a quem tantas vezes arroubado
Nas plagas escutei de estranhas terras,
Sobre o mar, em cidades populosas,
Sobre os nevados crânios dos gigantes
Montes que a Itália escondem, que clausuram
No seu trono hibernal o Éden da Europa
Ao Germano engenhoso, e ao mareio Gallo;
Tu que comigo em carinhoso amplexo
Libaste nos sagrados cenotáfios
De Dante, Galileu, e Buonaroti,
Ósculos de um néctar que desperta a glória!...
Que ausente agora tua fronte espelhas
No meu pátrio Guahiba!, vem comigo.
Glória da pátria, orgulho de meu peito,
Mesclar teu pranto, teus gemidos sacros,
Sobre os delubros do formoso bosque
Que o céu brasílio aviventou benigno.

Meu nobre Silva, meu patrício caro,
Que a passos graves triunfante marchas
Por entre legiões de augustas larvas!...
Silva que eu amo, e a quem meu canto oferto,
Deixa os sepulcros dos helenos astros,
E do reino da morte a lousa fecha,
Os doutos solilóquios suspendendo.
Teus ouvidos afeitos à magia
Da voz de Homero, dos antigos vates;
Tua alma emaranhada nos prodígios
Das criações arquétipas de um mundo
Onde do gênio o diamantino escopro
Entalhou maravilhas, desprendendo
Suave melodia, áureo perfume.

Mal podem suportar meus rudes versos.
Comigo à erma campa vem saudoso
Da floresta, onde a pródiga Natura
Do seio maternal brotara em cópia
Sobre um solo infeliz tantos prodígios,
Que a mão do homem com o incansável ferro
De dia em dia empobrecido torna!
Oh filho de Lineu, vem, meu amigo,
Mesclar teu pranto, teus gemidos graves,
Sobre os delubros do frondoso bosque
Que o sol da pátria aviventou benigno.

Eis o retrato dos sagrados bosques
Onde os Cimérios, em sombrias furnas,
Do porvir os arcanos insondáveis
Com místico artifício decifravam.
Eis de Cartago, e Babilônia, e Tróia,
Da sacra Tebas, da purpúrea Tiro,
Dessa antiga Albion, a triste imagem!!!

Supera o humano braço ao raio em ruínas!
Erostrato incansável, dia e noite
Em padrão lutuoso estampa o homem
Novos triunfos, derrocando insano
Tantos tesouros, que às vindouras raças
Gritos de maldição, em desespero,
Aos céus farão soltar inconsoláveis —
No solo onde soberba dominava
Gigantesca floresta, em cujos ombros
Entre perfumes repousavam evos,
Rasteira messe humilde arado pauta,
Que dobrada não paga um só madeiro.

Nas mãos do bruto escravo, e da ignorância,
Sega o ferro sacrílego, e profana
Dos virgens bosques a beleza, e o preço;
E no báratro infindo da sevícia
O timbre americano se aprofunda!
Onde fetos, palmeiras graciosas
Nos céus se espalmam, cadenciam livres

Como em dia de amor, em áurea liça,
Um vulcão se ateou que tudo assola.
Mudas leis, que o porvir de trevas cobrem,
Cavam abismos, sorvedouros abrem
Ante o futuro deste Império imenso!
Deste Império que abarca meio globo,
E encostado no oceânico Amazonas,
Frui com seus lábios gigantescas ondas
Nesse atlântico doce, cujas margens
Beijam as ricas, portuosas orlas
Dos verdes mantos, grandiosos, virgens,
De dois Impérios, que a cobiça espertam
A fingidas amigas, que nos traem!

Eu não praguejo a provida lavoura
E o braço criador, infatigável,
Que as artes alimenta, e que converte
Com mágico poder um grão em ouro.
Homem sou, e do fruto que a cultura
Da terra colhe meu sustento formo.
Conheço o médio termo, a sã baliza
Que os limites contêm ao siso humano:
Mas improvidas minas, sem proveito,
Sem plano, sem futuro! — sim, lastimo-as,
E a perda irreparável de elementos
De invejável grandeza! Vejo campos
Semeados de arbustos ociosos;
Vejo nos montes áridos roçados,
Largos vales de inúteis capoeiras,
De répteis e de feras povoados,
Sem que a mão do cultor, mão poderosa,
Em férteis regiões destra os converta.
Choro dos bosques a riqueza imensa,
Choro das fontes o benigno amparo,
Dos rios a riqueza, e o ar saudável
Que as florestas expandem de seu seio.

Mananciais fecundos, insondáveis,
De bálsamos vitais e diascórdios,
Que na crosta, raiz, folhas, e fruto

Laborou a Natura, e que algum dia
Em vão invocará no enfermo leito
Moribundo mortal, gemendo anciado.
Do agro camará, da quina tônica
Extingue a raça o mísero colono,
Junto à cabana em que desliza a vida,
Sem na terra enxertar um garfo ao menos.
Na humana lista do incansável sábio,
Que Pison e Margrave começaram,
Que o justo Saint-Hilaire, o douto Martius,
À culta Europa jubilosos mostram,
Vejo alistados cem Galenos pátrios
Estudando, ensaiando os específicos
Que a vida escoram neste amargo exílio:
Vejo de um nobre impulso a marcha augusta
Benigna despontar; mas vejo o ferro
Talar-lhe em breve o glorioso esforço!

Um dia chegará, íncola insano,
Que o suor de teu filho a estrada banhe;
Que arquejando, cansado, em longos dias
Em vão busque um esteio, que levante
O herdado casal curvado em ruína!
Um dia chegará que a peso de ouro
Compre o monarca no seu vasto império
Estranhos lenhos, que mesquinhos teçam
Dos fastígios reais a cumeeira!
E os templos do Senhor o pinho invoquem
Para o altar amparar das tempestades!
Um dia chegará, que inimigas hostes
Intentem desonrar-nos, leis impondo,
E nós, bradando em fúria, sem podermos
Em grossas naves de canhões bordadas
A afronta repelir, rasgar-lhe em face
O ousado pavilhão, e conculcá-lo!

Ah! se a esperança de um brasílio peito,
Deste peito ancioso, ardente e firme,
As asas multicores chamuscasse
No tição infernal que um monstro empunha;

Se os meus delírios não se ungissem nela;
Se de alegres visões não a cercassem;
Se um sombrio crepúsculo no horizonte
Sinistro espectro debuxasse ao longe,
E a pátria me envolvesse em negras trevas,
Estalara de dor meu peito anciado.
Antes a morte que uma vida indigna.
Não é vida ante os olhos ter constante
De um hórrido esqueleto a árida imagem,
E um quadro carcomido e lacerado
Pelo trado do verme do egoísmo;
E ouvir ao longe foragida, e erma,
Soluçar a virtude, o heroísmo
Ante o altar do escárnio definhando!
De um antro onde a razão falece em trevas,
Dúbio reino onde imperam mil sofismas,
E a verdade estrebucha entre torturas,
Fujamos para sempre, e alçando os olhos,
Pela pátria, por ela a Deus roguemos.

Tu és, ó pátria querida,
Um mimo da Providência!
Tu és da beleza a essência,
Um vaso de almo esplendor!

És o Creso das nações,
O orgulho de toda a terra;
Tudo o que é grande se encerra
No teu seio criador!

Nos teus rios diamantinos,
Nas tuas montanhas de ouro,
Se ajunta o maior tesouro
Que o mundo pode invejar!

Nas tuas florestas virgens
Tens mil esquadras, mil pontes,
E nas entranhas dos montes
Tudo pra um mundo comprar!

Combate, suplanta, esmaga,
Um século de vandalismo,
O vil, sedento egoísmo,
Que no teu solo se alçou.

A pigmeus não consultas
Traçar teu futuro e glória;
Que no templo da memória
Mesquinha mão não entrou.

Ainda teu solo esmalta
Da virtude a planta augusta;
Com tal gérmen nada custa
À nobre estrada volver.

Freire, Serrão, Magalhães,
Silva, vamos trabalhando;
Pouco importa, se lutando
Acabarmos por vencer.

Nossa fé se reanime
N'esta luta grandiosa;
Que uma ideia gloriosa
Exalta o nosso labor.

Essa ideia, ó Brasileiros,
É toda pura harmonia,
É diva como a poesia,
É da pátria um santo amor.

HAI KAIS

A palmeira e sua palma
Ondulam o ideal
Da calma.
Millôr Fernandes

Flamboyants floridos -
até a luz do céu
parece mais bela.
Paulo Franchetti

Mamonas estalam.
Os cachos da acácia
Parecem imóveis.
Paulo Franchetti

Lua nublada
No alto da montanha
A solitária árvore.
Alonso Alvarez

Acácia em flor
Em mel e esplendor
A primavera sangra.
Sammis Reachers

Amendoeira outonando
O garotinho triste
Vassoreia as folhas.
Sammis Reachers

Jameloeiro abarrotado
Ebúrneos moleques devoram
Ebânicas uvas solares
Sammis Reachers

no parque vazio
duas árvores abraçam-se

em prantos de chuva.
Eugénia Tabosa

TROVAS

Planta uma árvore e repara
O exemplo que ela oferece:
Vai dar fruto à mão avara
E sombra a quem não merece.
José Valeriano Rodrigues

Toda a terra te bendiga
Pelos teus serviços mil.
Foste tu, árvore amiga,
Que deste nome ao Brasil!
Fernandes Soares

Uma árvore que tem flores
Parece dama faceira
Com joias de várias cores:
Colar, anel e pulseira!
Joaquim Batista Martins

O outono, em seus esplendores,
Troca, da mata, a roupagem:
Desfaz o manto de flores
E põe frutos na paisagem.
Maria Thereza Cavalheiro

Não cortes a árvore-irmã,
Pois verias, com tristeza,
No rocio da manhã,
O pranto da natureza.
Laurete Godoy

– Nós somos, do berço à morte,
Dos homens a proteção,
E eles com machado forte
Nos derrubam para o chão!
José Victor de Souza

Há nas árvores, tão belas,
Exemplos vivos de fé:
Enfrentam sempre as procelas
E morrem, firmes, de pé.
João Carneiro de Rezende

Toda a terra te bendiga
Pelos teus serviços mil.
Foste tu, árvore amiga,
Que deste nome ao Brasil!
Fernandes Soares

Árvore, braços erguidos,
És renúncia em plena praça,
Ardendo ao sol sem gemidos,
Para dar sombra a quem passa.
Carolina Ramos

FRASES

A melhor época para plantar uma árvore foi há 20 anos. A segunda melhor é agora.
Provérbio Chinês

Quando uma árvore frutífera é derrubada, seus gritos atingem de um canto do mundo até o outro, embora homem nenhum possa ouvi-los.
Pensamento hassídico (judaísmo)

Aos olhos do homem a árvore é o sinal tangível da força vital que o Criador difundiu na natureza.
Pierre Émile Bonnard

O arvoredo mais copado já foi humilde semente.
Lilinha Fernandes

Só se atiram pedras em árvores frutíferas.
Saadi

Há quem passe pelo bosque e só veja lenha para o fogão.
Tolstoi

Onde houver uma árvore para plantar, planta-a tu. Onde houver um erro para emendar, emenda-o tu. Onde houver um esforço de que todos fogem, fá-lo tu. Sê tu aquele que afasta as pedras do caminho.
Gabriela Mistral

Plantar árvores não para ter sombra, flores, oxigênio, fruto ou madeira – plantar árvores pelas árvores.
Nicolas Behr

Copiemos as plantas. Elas tendem sempre para a claridade.
Raul Lino

Um poema ou uma árvore podem ainda salvar o mundo.
Eugénio de Andrade

Se temos uma biblioteca e um jardim temos tudo.
Cícero

Só os olhos das árvores veem a esperança que passa.
Teixeira de Pascoaes

Tal como acontece com a árvore, não podes saber seja o que for do homem se o desdobras pela sua duração e o distribuis pelas suas diferenças. A árvore não é semente, depois caule, depois tronco flexível, depois madeira morta. Para a conhecer é bom não a dividir. A árvore é essa força que desposa a pouco e pouco o céu.
Saint-Exupéry

Árvores são poemas que a terra escreve para o céu. Nós as derrubamos e as transformamos em papel para registrar todo nosso vazio.
Khalil Gibran

Os netos colherão os frutos das tuas árvores.
Virgílio

Criar uma floresta é enriquecer a Pátria com uma conquista que não custa nem uma lágrima, nem uma gota de sangue.
M. Charlot

O pintor, o poeta e o botânico não veem a mesma árvore.
Ditado popular

Não há árvore sem sombra.
Ditado popular

Quem a boa árvore se chega, boa sombra o cobre.
Ditado popular

Uma árvore é uma ideia que cresce; uma ideia é uma árvore que dá a verdade por fruto.
Gil Dayo Sanchez

O homem que não ama a árvore é um traidor da Natureza.
Roberto de La Hoz

A Árvore, como a tradição do divino Mestre, converte seu corpo em pão e seu sangue em vinho para dar-nos vida...
Ismael Ramirez

Se não é a Árvore, que outra coisa poderá ser a alma dos campos?
Ernesto Dias

Campo sem árvores, gente sem coração.
Ricardo Dias

Não destruas a árvore, porque nela está o segredo da vida.
Arturo Sosa

Os poemas são feitos por tolos como eu; somente Deus é que sabe fazer árvores.
Joyce Kilmer

Sem árvores não pode haver água e sem água a humanidade não pode subsistir.
Jorge Schmidke

A floresta precede os povos e o deserto os segue.
Chateaubriand

Quem corta um galho sem razão, deveria Deus cortar-lhe a mão.
Ditado popular

A copa da árvore é o teto dos que não têm casa.
Ditado popular

Todo jardim começa com um sonho de amor. Antes que cada árvore seja plantada, antes que cada lago seja construído, eles têm que existir dentro da alma. Quem não tem jardim por dentro, não cria jardim por fora, e nem passeia por ele.
Rubem Alves

A árvore não nega sua sombra nem ao lenhador.
Provérbio hindu

Aquele que plantou uma árvore antes de morrer não viveu em vão.
Provérbio hindu

Quem planta árvores, ama a outros além de si mesmo.
Provérbio popular

Quem planta uma árvore é um servo de Deus,
Provê um bem para muitas gerações;
E rostos que ele não verá abençoarão seu nome.
Henry Van Dyke

Perguntaram a uma árvore cheia de frutos: “Por que não fazes nenhum barulho?” Respondeu: “Meus frutos são uma propaganda suficiente para mim.”
Saadi

As árvores representam sentinelas da defesa e segurança, propiciando beleza e utilidade a todos, que não as podem dispensar, sob pena de anularem a própria existência sobre a face da terra.
Maria Thereza Cavalheiro

Quando eu era pequeno, aconteceu-me plantar uma cerejeira e vê-la crescer com delícia. No primeiro ano, as geadas da primavera fizeram morrer os brotos, e tive que esperar mais um ano para ver em minha árvore cerejas maduras. Mas então, os pássaros as comeram; depois, um vizinho muito guloso... Entretanto, se algum dia eu possuir novamente um jardim, plantarei nele uma cerejeira.
Goethe

Se eu soubesse que o mundo acabaria amanhã, plantaria uma árvore hoje.
Martin Luther King

Não é do mesmo azul, o céu visto pelo vão de uma árvore derrubada pela mão do homem. Eis aí um azul em matiz diferente: ele reflete, em nossos olhos, a tristeza de um ser que se foi.
Lude Mendes

A árvore que o sábio vê não é a mesma árvore que o tolo vê.
William Blake

Se não erro ao decifrar a voz dos vegetais, eis que suspira a muda de pau-ferro no silêncio do ser: – Eu sei que fui plantada com música, discurso e tudo mais, para alguém no futuro, oferecer sem discurso e sem música o prazer da derrubada.
Carlos Drummond De Andrade

Quem planta uma árvore aos poucos também se enterra: se eterniza.
Nicolas Behr

O que mata um jardim não é o abandono. O que mata um jardim é esse olhar de quem por ele passa indiferente.
Mário Quintana

Se você está pensando um ano a frente, semeie uma semente. Se você está pensando dez anos a frente, plante uma árvore.
Poeta Chinês, 500 AC

Para mim, a natureza é sagrada, árvores são o meu templo e florestas são as minhas catedrais.
Mikhail Gorbachev

Elas são bonitas em sua paz, elas são espertas no seu silêncio. Elas sobreviverão enquanto nós viraremos poeira. Elas nos ensinam e nós cuidamos delas.
Galeain ip Altiem MacDunelmor

A árvore se entristece ao perceber que o cabo do machado é de madeira.
Provérbio Árabe

Se você quer conhecer força e paciência, acolha a companhia das árvores.
Hal Borland

Se nos rendêssemos à inteligência da terra, poderíamos nos erguer enraizados como árvores.
Rainer Maria Rilke

Na floresta, voltamos à razão e à fé.
Ralph Waldo Emerson

As árvores sempre foram para mim os oradores mais convincentes. Eu as venero entre suas famílias e povos, as florestas e os bosques, mas, ainda mais as adoro quando estão a sós. Então são como os seres solitários, mas não como eremitas que por causa de alguma fraqueza se isolaram, mas como os grandes homens solitários: como Beethoven e Nietzsche. Em suas copas cicia o mundo, suas raízes jazem no infinito. Solitárias, elas não se perdem, senão com toda a força de seu ser procuram a única meta, preencher a sua própria lei desenvolvendo suas formas e se auto representando. Não existe nada mais santo, mais exemplar do que uma bela e forte árvore. Quando uma árvore é cortada e seu ferimento mortal fica exposto ao sol, então é possível ler-se em seu toco, que ao mesmo tempo lhe serve como lápide, toda a sua história. (...) Quem sabe como falar-lhes, ouvi-las, esse conhece a verdade. Elas não pregam ensinamentos e receitas, pregam isoladamente a primária lei da vida.

Uma árvore diz: eu trago em mim uma luz, um pensamento, um âmago, pois eu sou a vida da vida eterna. (...) Vivo o segredo da minha semente até o fim, além disso nada mais me preocupa. Eu tenho a certeza de ter Deus em mim e que a minha missão é santa e dessa confiança vivo.

Quando estamos tristes, sem mais nenhuma vontade de aturar a vida, então uma árvore pode falar conosco. Ela dirá: Calma, calma! Olhe-me! Viver não é fácil, mas nem tão difícil, pensamentos assim são criancice, cale, deixe que Deus fale em você. (...)

Quem já aprendeu a ouvir uma árvore não deseja mais ser uma, não desejará ser nada mais do que é e isso é a pátria, a felicidade.

Herman Hesse

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Júlia Lopes e ALMEIDA, Afonso Lopes. A Árvore. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1916.

BEHR, Nicolas. Iniciação à Dendolatria. Brasília: Edição do autor, 2006.

CAVALHEIRO, Maria Thereza. Nova Antologia da Árvore. São Paulo: Iracema, Conselho Estadual de Cultura, 1974.

CHALLITA, Mansour. Os mais belos pensamentos de todos os tempos. Rio de Janeiro: Associação Cultural Internacional Gibran, 1988.

DELFINO, Luiz. Poesia Completa: I Sonetos. Florianópolis: Academia Catarinense de Letras, 2001.

FONTES, Hermes. Gênese. Rio de Janeiro: Typographia W. Martins & C., 1913.

GOMES, Aíla de Oliveira. Poesia Metafísica – Uma antologia. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GUINSBURG, J. (Org.). Quatro Mil Anos de Poesia. São Paulo: Perspectiva, 1969.

MACHADO, Francisco Carlos. Na escuridão e no dia claro. São Luís: Orlimar, 2010.

MAGALHÃES Jr., R. O Livro de Ouro da Poesia da França. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

MARQUES, Oswaldino (Org.). O Livro de Ouro da Poesia dos Estados Unidos. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

PENNA, Leonam de Azeredo (Org.). Apologia da Árvore. Rio de Janeiro: IBDF, 1973.

SANT’ANNA, Affonso Romano. Poesia reunida: 1965 – 1999. 2° volume. Porto Alegre: L&PM, 2007.

VEIGA, Cláudio. Antologia da Poesia Francesa (do século IX ao século XX). Rio de Janeiro: Record, 1999.

Endereços eletrônicos

Alma Acreana - < https://almaacreana.blogspot.com >.

Amigos do Botânico - < http://amigosdobotanico.blogspot.com.br >.

Dias com Árvores (blog) - < https://dias-com-arvores.blogspot.com.br >.

Estado do Paraná - < http://www.cidadao.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=71>.

O Secular Soneto - < https://osecularsoneto.blogspot.com >.

ORGANIZADOR

Sammis Reachers nasceu em 09/05/1978 em Niterói – RJ. Licenciado em Geografia, com especialização em Metodologia de Ensino de Geografia e História e especialização em Gestão Escolar, é também poeta, antologista e editor.
É autor dos seguintes livros (em formato eletrônico ou impresso):

POESIA

- Uma Abertura na Noite (2006).
- A Blindagem Azul (2007).
- CONTÉM: ARMAS PESADAS (2012).
- Poemas da Guerra de Inverno (2012).
- Deus Amanhecer (Editora VirtualBooks, 2013).
- Poemas da Guerra de Inverno - Edição revista e ampliada (Clube de Autores, 2014).
- PULSÁTIL – Poemas canhestros & prosas ambidestras (2014).
- GRÃNADAS (2015).

CONTOS

- O Pequeno Livro dos Mortos (Letras e Versos, 2015 / Amazon, 2017).

Organizou as seguintes antologias (apenas em formato eletrônico):

- 3 Irmãos Antologia (2006 - Textos de Gióia Júnior, Joanyr de Oliveira e J.T.Parreira).
- Sabedoria: Breve Manual do Usuário (2008 - antologia de frases).
- Antologia de Poesia Cristã em Língua Portuguesa (2008).
- Águas Vivas - Volume 1 (2009 – antologia reunindo textos de poetas evangélicos contemporâneos).
- Antologia de Poesia Missionária - Volume 1 (2010).
- Águas Vivas - Volume 2 (2011).
- Breve Antologia da Poesia Cristã Universal (2012).
- A Poesia do Natal Antologia (2012).
- Águas Vivas - Volume 3 (2013).
- Antologia de Poesia Missionária - Volume 2 (2013).
- Teatro Missionário – Peças Teatrais e Jograis sobre Missões e Evangelização para Igrejas Evangélicas (2013 – em colaboração com Vilma Aparecida de Oliveira Pires).

- Revista Humorejo – Humor Gráfico Evangélico (2014 - charges, cartuns, caricaturas e HQ's).
- Segunda Guerra Mundial – Uma Antologia Poética (2014).
- Águas Vivas - Volume 4 (2015).
- Hinário Hinos Missionários (2016).
- Águas Vivas - Volume 5 (2017).
- A Educação em 365 Frases (2017).
- Amor, Esperança e Fé – Uma Antologia de Citações (2017).
- Antologia de Poesia Missionária - Volume 3 (2017).
- COLEÇÃO 200 FRASES (Antologias de frases). Volumes já publicados (2017): AMOR – ESPERANÇA – FÉ – AMIZADE – SAINDO DA ZONA DE CONFORTO – REFORMADORES.
- Dinâmicas Missionárias - Dinâmicas e quebra-gelos para promover a visão missionária em sua igreja, grupo e família (2018).
- Frases Up! 250 Frases para motivar e iluminar o seu dia (2018).
- Árvore – Uma Antologia Poética (2018).

À exceção da Coleção 200 Frases, disponível na Amazon (salvo o volume 6 – Reformadores, gratuito), da segunda edição de Poemas da Guerra de Inverno e do livro de contos O Pequeno Livro dos Mortos, todas as obras citadas, bem como títulos de outros autores, podem ser baixadas gratuitamente **AQUI.*

Editor da Revista AMPLITUDE – Revista Cristã de Literatura e Artes.